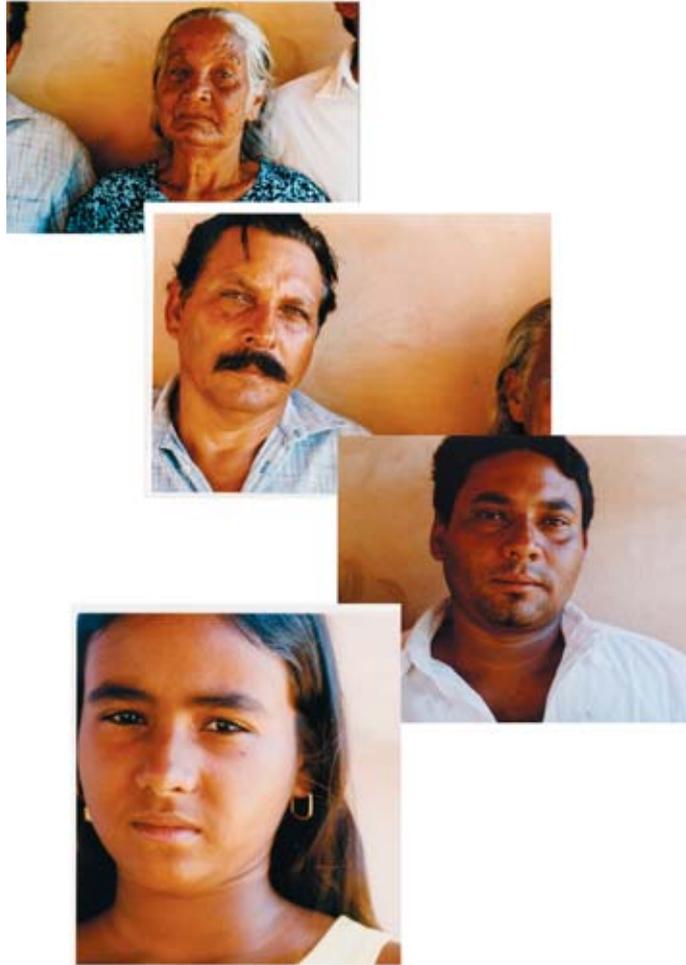




Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Línguas Clássicas – LIP  
Programa de Pós-graduação em Linguística – PPGL



A LÍNGUA DA COMUNIDADE CALON DA  
REGIÃO NORTE-NORDESTE  
DO ESTADO DE GOIÁS

Fábio José Dantas de Melo

Brasília

2008

**FABIO JOSÉ DANTAS DE MELO**

**A LÍNGUA DA COMUNIDADE CALON DA REGIÃO NORTE-NORDESTE DO  
ESTADO DE GOIÁS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Linguística do Departamento de Linguística, Português  
e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília,  
como requisito para obtenção do título de Doutor em  
Linguística.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.º Dr. Hildo Honório do Couto (UnB/LIP) – Orientador

Prof.º Dr. Ático Vilas-Boas da Mota (Fundação Cultural Prof.º Mota) – Membro externo

Prof.º Dr. José Ferreira (UnB/TEL) – Membro interno

Prof.ª Dr.ª Enilde Faulstich (UnB/LIP) – Membro interno

Prof.ª Dr.ª Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho (UnB/LIP) – Membro interno

Prof.º Dr. Dionei Moreira Gomes (UnB/LIP) – Membro suplente

Brasília, 15 de setembro de 2008.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, autor de todas as coisas visíveis e invisíveis, pela capacitação e força a mim conferidas para a concretização deste sonho. A Ele toda a honra e o mérito que este trabalho alcançar entre os homens.

Aos meus pais, Agamenon Alves de Melo e Maria do Socorro D. A. de Melo, por quem nutro a mais especial admiração pela forma como me conduziram na vida, apoiando-me emocional e materialmente em meus projetos.

A minha irmã, Ana Cristina, que sempre me dirige palavras de incentivo e que acredita verdadeiramente no meu potencial.

A CAPES, pela bolsa de doutorado não apenas no país, como também para o Estágio de Doutorando no Exterior, que me possibilitaram dedicação exclusiva a pesquisa e, conseqüentemente, o cumprimento dos prazos do Programa de Pós-Graduação.

Aos que partilham esta fase da vida comigo, que Deus lhes retribua toda ajuda e carinho que me prestam.

RESUMO: A presente Tese constitui-se no primeiro esforço acadêmico de confirmar, por intermédio da pesquisa lingüística, a relação genética entre línguas pertencentes a uma mesma família (o subgrupo *Calé*) do *Romani*, a língua original do Povo Cigano. O trabalho evidencia a continuidade entre o *proto-romani europeu* e o dialeto *calon*, oferecendo dados da história interna desta língua obsolescente, que nos permitem entender a língua da comunidade *Calon* de Mambaí como uma “subespécie”, ou seja, uma população de uma espécie ancestral (o *Romani*) que migrou da Índia, nos primórdios do milênio passado, e chegou à área geográfica brasileira ainda no período colonial de nossa história. Apresentando registros do *caló* colhidos na Espanha com registros do *calão*, extraídos de obras de referência da Biblioteca Nacional de Lisboa, juntamente com o trabalho de campo com ciganos portugueses de hoje e com ciganos brasileiros, entrego à Comunidade chefiada pelo Sr. Dálcio uma primeira documentação do *calon* e de aspectos culturais subsistentes. Por fim, a estruturação do Vocabulário *calon* em campos semânticos, que respondeu a necessidade primeira de elaboração de um dicionário, possibilitou também a compreensão do impacto sofrido por estes ciganos ao longo de seu contato com a sociedade brasileira e da dinâmica interna deste dialeto em se auto-organizar diante das novas exigências do mundo moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Ecolingüística, Fricção lingüística, Lingüística Romani, Semântica, História dos ciganos *Calon*.

ABSTRACT: This Thesis is the first academic effort to confirm, by means of linguistic research, the genetic relationship between languages belonging to the same family (*Calé* sub-group) of *Romani*, the original language of Gipsies. This work shows the continuity between the European *proto-romani* and the *calon* dialect, offering data about the internal history of this dying language, which enables us to understand the language of the *Mambái Calon* community as a “subspecies”, that is, a population of an ancestral species (the *Romani*) who migrated from India, in the first years of the last millennium and arrived in the Brazilian geographical area still during the colonial period of our history. Presenting *caló* data collected in Spain with *calão* data obtained from reference work existing in the Lisbon National Library, together with field work done with nowadays Portuguese and Brazilian Gipsies, I offer to the Community headed by Mr. Dálcio a first documentation about the *calon* and its cultural subsisting aspects. Finally, the structuring of the *calon* Vocabulary in semantic fields, which is the consequence of the first need to elaborate a dictionary, also enabled the understanding of the impact suffered by these Gipsies during their contact with the Brazilian society and the understanding of the internal dynamics of this dialect as it promotes its self-organization to face the new requirements of the modern world.

KEY-WORDS: Ecolinguistics, Language Attrition, Romani linguistics, Semantics, History of Calon Gipsies

# SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Tema.....	9
1.2 Metodologia.....	10
1.3 Teoria .....	14
1.4 Estrutura do Trabalho .....	19
II. HISTÓRICO.....	21
2.1 Introdução.....	21
2.2 O Subgrupo <i>Calé</i> .....	23
2.3 O Ramo Calon.....	31
2.3.1 Localização dos Calon Pesquisados .....	38
2.3.2 Etnografia dos Calon Pesquisados .....	42
III. A LÍNGUA <i>CALON</i> .....	47
3.1 História da Língua <i>calon</i> .....	47
3.2 Línguas Mistas .....	54
3.3 Formação dos vocábulos <i>calon</i> .....	60
3.4 Campos Semânticos do atual Léxico <i>calon</i> .....	67
3.5 Estudo comparativo caló-calão- <i>calon</i> .....	90
IV. CONCLUSÃO .....	95
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	97
VI. ANEXO I.....	100
VII. ANEXO II .....	102
VIII. APÊNDICE I .....	109
IX. APÊNDICE II .....	118
X. APÊNDICE III .....	121

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– As diferentes fontes de informações .....	7
Figura 2	– Fotos dos ciganos portugueses Paula e Bruno .....	9
Figura 3	– O itinerário seguido pelos ciganos desde sua partida da Índia .....	18
Figura 4	– Rota das primeiras levas de ciganos no território da Espanha .....	20
Figura 5	– Salvo-conduto expedido pelo Rei Afonso ao Conde João do Egito .....	21
Figura 6	– <i>Gaúchos descansando nos Pampas</i> de Johann Moritz Rugendas .....	31
Figura 7	– Retratos de ciganos <i>Rom</i> no Brasil .....	33
Figura 8	– Distribuição de Comunidades Ciganas Calon no Brasil (2006) .....	34
Figura 9	– A genealogia da família nuclear do bando Calon de Mambaí .....	35
Figura 10	– Localidades onde se encontravam famílias sob a chefia do Sr. Dálcio .....	35
Figura 11	– Recentes migrações de famílias do bando Calon do Sr. Dálcio .....	37
Figura 12	– As semelhanças entre Santa Sara Kali e Nossa Senhora Aparecida mostrada sem o manto .....	40
Figura 13	– Localização da marca identitária na face de um homem e na de uma mulher .....	42
Figura 14	– Um outro costume conhecido apenas pelos mais velhos: o “saco de bisaco” .....	42
Figura 15	– <i>Janujugmâsana</i> e O casal oculto .....	44
Figura 16	– A via de sucessão do dravidiano aos <i>prácritos</i> .....	45
Figura 17	– <i>Continuum</i> que vai das “línguas puras” (ou “estanques”) à “língua crioula” .....	52
Figura 18	– Diagrama de línguas resultantes da combinação de outros sistemas lingüísticos .....	56
Figura 19	– Mapa dos domínios do Império romano do Ocidente e do Oriente .....	57
	(também conhecido por Bizantino)	
Figura 20	– A rota seguida pela língua romani até o território em que surgiria a subespécie <i>caló</i> .....	58
Figura 21	– As duas rotas migratórias de ciganos que chegaram à Península Ibérica .....	59
Figura 22	– Migração de vocábulos originais do romani até o Brasil .....	61
Figura 23	– O conceito de fonema segundo a Lingüística Estratificacional .....	67
Figura 24	– Diagrama da relação entre campos lexicais distintos e um mesmo campo conceitual .....	72
Figura 25	– Representação de vários níveis de estruturação do vocabulário, sem os campos semânticos .....	73
Figura 26	– Espectro solar .....	76
Figura 27	– Gráfico do comprimento de ondas para cada uma das cores principais .....	76
Figura 28	– Sinal confeccionado por ciganos .....	81
Figura 29	– Interseção dos conceitos atômicos que formam o conceito molecular de <i>culebra</i> .....	82
Figura 30	– Campos Semânticos do <i>calon</i> .....	85

## LISTA DE TABELAS

Tabela I	– Extraída da obra <i>História do Povo Cigano</i> de Sir Angus Fraser, acrescida de termos do dialeto <i>calon</i> atual coletados nos anos de 2003 e 2004 pelo pesquisador .....	46
Tabela 2	– Evolução do <i>calon</i> .....	62
Tabela 3	– As três espécies de semas segundo Bernard Pottier .....	78
Tabela 4	– Os semas da série assento, poltrona, cadeira, sofá, tamborete, pufe .....	79
Tabela 5	– Quadro de análise componencial dos termos <i>calon</i> para animais .....	82
Tabela 6	– Quadro de análise componencial dos termos <i>calon</i> para plantas .....	84

Há, por exemplo, tanta espécie de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem significação.

Mas, se eu ignorar o sentido da voz, serei bárbaro para aquele a quem falo, e o que fala será bárbaro para mim.

*1 Coríntios 14.10-11*

Conhece-me antes de me odiar.

*Provérbio Somali*

As palavras viajam, os homens emigram

*Tahar Ben Jelloun*

# I. INTRODUÇÃO

## 1.1 – TEMA

O presente trabalho visa à preparação das bases teóricas para a elaboração de um dicionário do dialeto *calon*, falado pelo bando Calon, chefiado pelo sr. Dálcio e que, em meu primeiro contato (2003), se encontrava disperso pelas cidades de Goiânia, Brasília, Buritinópolis, Mambaí, Posse, São Domingos e Campos Belos. Para atingir esse objetivo, fez-se necessária a produção de um *corpus* que fosse representativo, i.e., abrangesse toda a gama das características estruturais do sistema lingüístico em questão. Para isso, realizei coleta de dados em cada uma das localidades em que houvesse famílias deste bando. Outra tarefa de que me ocupei foi descobrir alguns dos étimos do vocabulário deteriorado do *calon*. Nesta tarefa, empreguei os métodos da Lingüística Histórica, principalmente o da reconstrução externa (ou método comparativo). Eles orientaram-me no processo de seleção dos vocábulos originais do dialeto cigano pesquisado quando me defrontei mais uma vez no trabalho de campo com duas palavras que expressavam um mesmo conceito. Qual delas evoluiu do vocábulo original? Isto pode ser determinado aplicando-se ao vocábulo original os processos fonológicos levantados pelo método comparativo a fim de chegar-se, deste modo, à forma atual mais provável. É o caso do termo *caló* para “prisão”, *estaribel*; em duas ocasiões com informantes diferentes, foram-me fornecidos vocábulos distintos.

É preciso que se diga que o *calon* é a resultante evolucionária do *caló*. Em outras palavras, considera-se o dialeto falado pelos *gitanos* na Espanha, o *caló*, como a ‘proto-língua’ do *calon*. Corroboram este fato os registros históricos: os ciganos chegaram ao reino de Aragão (Espanha), vindos da França, por volta de 1425. No final do século XV, “algumas medidas começaram a ser tomadas com o intuito de restringir-lhes os movimentos (...)” (GEIPEL 1997:138). Por esse período, teriam adentrado em Portugal pela fronteira da Extremadura espanhola (*vide* Figura 3). “Os ciganos achavam a província do Alentejo excelentemente adaptada ao seu modo de vida, para centro de irradiação de suas excursões” (COELHO 1995:159). Mas por determinação do destino, passaram a ser perseguidos novamente, agora em terras portuguesas. “As penas cominadas aos ciganos vão crescendo desde o primeiro documento legislativo conhecido até 1592. O alvará de 1526 ordena simplesmente que saiam do reino; a lei de 1538 ordena

a expulsão, depois de terem sido açoitados, com baraço e pregão<sup>1</sup>; as leis de 1557 e 1573 acrescentam as penas com galés” (COELHO 1995: 161). Foi, em virtude de ter sua pena de galés comutada pela de degredo, que a primeira família cigana (a de João de Torres) veio parar no Brasil.

Subsidiariamente, conduzi um estudo dos campos semânticos que estruturam o léxico *calon* sobrevivente, o que possibilitará um melhor entendimento do processo de atrição lingüística por que passam certas línguas do mundo. Minha proposta parte dos dados lingüísticos coletados para determinar os campos semânticos (p.ex., o vocabulário do parentesco; o vocabulário dos animais domésticos, de vestuário, de fenômenos naturais etc.) e analisar, nos domínios subsistentes da significação, a mutação e/ou perda semântica do léxico *calon*.

## 1.2 – METODOLOGIA

Este trabalho soma-se a outros (Olivência e Sousa (1992), Vieira e Macedo (1999), Bessa (2004) e os publicados na revista *Lacio Drom*) como registro acadêmico da língua de uma comunidade cigana no Brasil. É a continuidade de um projeto iniciado no ano de 2003, quando entrei para o mestrado com a proposta de recolher elementos que confirmassem o processo de *degenerescência* do dialeto *calon* da comunidade cigana de Mambáí/GO (Cf. Melo 2005).

No que se refere à metodologia empregada, procedi a uma *documentação direta*, ou seja, o *corpus* empregado nesta pesquisa foi em boa parte levantado por meio de aparelho de gravação no próprio local onde vive a comunidade. Quanto ao tipo de pesquisa, decidi pela *pesquisa descritiva* que, conforme Rampazzo, “se desenvolve, principalmente, nas ciências humanas e sociais, abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados e cujo registro não consta de documentos ou de publicações” (2004: 54). O *estudo de caso* – que é uma das formas de pesquisa descritiva – trata de “(...) um determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade para examinar aspectos variados de sua vida” (*Idem*, p.55). É o que fiz ao escolher o bando chefiado pelo sr. Dálcio, uma das maiores famílias ciganas Calon de nosso país, para investigar os estágios anteriores do seu dialeto<sup>2</sup>, bem como as modificações em seu léxico, e registrar o vocabulário atual da língua.

Em um Estudo de Caso, observa Yin, “*little theory is said to be needed, causal links do not have to be made, and analysis is minimal*” (1994: 99), pois esses fatores asseguram a *Fidedignidade da*

1. Baraço: corda; Pregão.

2. O que exigiu uma *pesquisa bibliográfica* em autores cujas obras constituem o pequeno acervo ciganológico luso-brasileiro.

documentação apresentada, um dos três Princípios da Coleta de Dados, que inclui ainda a *Criação de uma Base de Dados* e o *Uso de Múltiplas fontes de evidências* os quais “allow an investigator to address a broader range of historical, attitudinal, and behavioral issues” (YIN, p.92).



Figura 1 – As diferentes fontes de informações.

Ao longo do trabalho, discuto questões de parentesco da língua original dos *Roma* (etnônimo do povo cigano), realizo estudo comparativo com material documental entre os dialetos que formam o subgrupo *calé*, mas só a título de contextualização da pesquisa e não de reanálise das formas lingüísticas.

Como em Estudo de Caso, os dados devem ser coletados com pessoas integradas nos eventos do mundo real, e não confinadas em um laboratório, o investigador precisa realizar pesquisas de campo.

## Trabalho de Campo

O investigador de línguas é um estranho para a língua que ele estuda. Enquanto ele permanecer um estranho, a língua pesquisada não será nada além de barulho aos seus ouvidos. Somente no instante em que ele entrar na experiência da comunidade é que começará a compreender, o barulho começará a tomar forma e ‘fazer sentido’.

William Samarin

O trabalho de campo é “(...) um modo de obtenção de dados lingüísticos e de estudo dos fenômenos lingüísticos” (SAMARIN 1967:1). Em minha pesquisa, estavam previstas dez (10) saídas de campo assim distribuídas: quatro (4) no segundo semestre do ano de 2005; três (3) no primeiro de 2006 e mais três (3) no ano de 2007. Os propósitos destas pesquisas de campo, para além da tarefa precípua exposta na primeira linha deste parágrafo, foram: (a) realizar um recenseamento de membros/famílias que compõem o bando cigano estudado para futuras investigações; e (b) registrar eventos de natureza cultural ocorridos no seio da comunidade cigana durante o período de minha permanência entre eles. Para mim, a Lingüística de Campo constitui-se em uma das poucas ferramentas capazes de interromper ou retardar a morte de uma língua, pois só a partir da recolha direta de material lingüístico é que se traz à tona o nível de desgaste da língua e se chama atenção para a necessidade de seu registro. Ademais, como afirma

William Samarin, “o trabalho de campo é também um antídoto para a teorização excessiva. A Teorização torna-se excessiva quando os mesmos problemas ou os mesmos dados são vistos repetidas vezes em detrimento de outras questões relevantes” (SAMARIN 1967: 4).

Se a língua é algo que existe na mente dos falantes e que, tal qual as espécies parasitas encontradas na natureza, vive à custa de seus ‘hospedeiros’ (Mufwene 2001), o bom êxito de uma pesquisa lingüística dependerá em grande medida de uma acertada *escolha dos informantes* (ou seja, dos falantes da língua em estudo).

O informante é alguém que supre o pesquisador com exemplos da língua, ou com repetições do que já lhe tenha sido dito ou com criações que poderiam ser ditas por alguém. Ele também explica como as expressões foram empregadas ou o que elas significam, usando para tanto sua própria língua ou alguma outra. O informante pode ser um ocasional falante da língua de quem o pesquisador obtém os dados, mas comumente ele é alguém que se encontra com certa regularidade com o pesquisador para estudo da língua (SAMARIN 1967:20).

Em meu trabalho anterior<sup>3</sup>, a seleção dos informantes norteou-se, e não poderia ser diferente, pelo fenômeno lingüístico que me propunha analisar: a degenerescência do dialeto *calon*. Por isso, escolhi como informantes indivíduos dentre os mais velhos da comunidade, incluindo o chefe do bando, por serem teoricamente os mantenedores do *purin chipí* (o velho falar). Desta vez, dado o propósito de elaboração de uma lista temática do *calon*, a escolha dos informantes levou em conta a “natureza do trabalho”, que exigia uma amostra verdadeiramente representativa da comunidade de fala; no entanto não pude prescindir da “experiência dos informantes”, visto que se trata de uma língua que pouco a pouco perde suas funções e estruturas.

Como acentua Samarin,

em uma comunidade fortemente bilíngüe, em que uma língua é mais prestigiada do que a outra que está sendo estudada, haverá também o risco do conhecimento incompleto da língua da parte das crianças.(...) Crianças tornam-se fracos informantes também em virtude de elas muito freqüentemente darem a impressão de não entenderem o que está sendo requerido na pesquisa. A capacidade intelectual delas não está plenamente amadurecida e, por isso, elas têm mais dificuldade em dar sentido ao curso da investigação, sem falar no curto espaço de tempo em que demonstram interesse (1967:31).

Evidentemente, o trabalho com pessoas mais velhas também tem seus inconvenientes, tais como surdez, saúde debilitada, sonolência demasiada, articulação enfraquecida, lapsos de memória etc. Mas, a seu favor, pesa a experiência na cultura que eles transmitem aos mais jovens.

---

3. Dissertação de mestrado *O Romani dos Calon da Região de Mambai: uma língua obsolescente*. Março de 2005. Departamento de Línguas Clássicas e Vernácula da UnB.

No entanto, de todas as qualificações que se deve observar num informante, nenhuma é mais importante, conforme Samarín, que a *competência na língua*. Por conseguinte,

em algumas circunstâncias, onde haja contato entre falantes de várias línguas ou dialetos, seria necessário acrescentar que o informante seja monolíngüe ou ‘monodialetal’, a fim de evitar o risco de selecionar uma pessoa cuja fala mostra o resultado de muita interferência (SAMARIN 1967:35)

Nesta pesquisa, estou lidando com um grupo de indivíduos cujos antepassados chegaram ao Brasil pelos idos de 1570. Isto significa aproximadamente quatrocentos anos de influência portuguesa e quiçá africana (afinal, conforme os relatos de autoridades coloniais, muitos ciganos trabalharam como intermediários no mercado de venda de escravos), de modo que, de seu dialeto original, o que ainda subsiste é o vocabulário, que caracteriza o bando que escolhi como constituído de informantes bilíngües.

No que se refere à *quantidade de informantes*, “há de fato uma relação entre o tipo de investigação lingüística empreendida e o número de informantes empregado” (SAMARIN 1967:28). Dado que minha pesquisa visa à apresentação do léxico de uma língua cuja comunidade lingüística forma uma “metapopulação”, ou seja, “uma população que [está] dividida em subpopulações, entre as quais os indivíduos migram de tempos em tempos” (Ricklefs 2003), faz-se mister uma quantidade de dois informantes por localidade (Brasília, Goiânia, Mambá e Posse) de sorte que possa registrar variantes dialetais correlacionadas com o *background* lingüístico, o grau de aculturação à comunidade local envolvente e outros fatores socioambientais que freqüentemente ocasionam modificações nos atributos hereditários de uma língua, dos quais trataremos em capítulos subseqüentes.

Como os objetivos desta tese levaram-me a realizar trabalho de campo em Portugal, antes de finalizar esta seção, registro os ciganos portugueses com os quais fiz coleta de dados no período de outubro de 2007 a janeiro de 2008 (Veja no Apêndice III o relato da pesquisa desenvolvida em Portugal)



Figura 2 Fotos dos Ciganos portugueses Paula e Bruno

### 1.3 – TEORIA

O referencial teórico em que se apóia esta tese abrange a Gramática Comparativa e a Teoria dos Campos Semânticos, além do campo multidisciplinar – cujas raízes remontam aos princípios do século XIX – que estuda a relação entre língua e meio ambiente, sendo atribuídas ao lingüista Einar Haugen nos idos de 1970 as primeiras denominações: *Ecology of language* e *Language ecology*. É um ramo de investigação que se vale, em suas formulações, das bases epistemológicas da Ecologia. Os princípios ecológicos – enquanto verdades básicas com as quais os estudiosos interpretam os fenômenos da natureza – têm-se mostrado excelentes chaves heurísticas na compreensão de processos lingüísticos como ‘entrelaçamento’ e ‘mudança lingüística’, ‘obsolescência’ e ‘glototanásia’, ‘atrição’ e ‘desgaste’. Como prova do que acabamos de mencionar, e tomando por contexto de análise a situação dos dialetos do *romani* ao redor do mundo, podemos invocar o *princípio da exclusão* que, conforme Remmert (1982), explica satisfatoriamente a distribuição espacial dos organismos e “(...) que as adaptações [destes] a diferentes condições de vida apareceram devido à competição” por *habitat*, alimento e outros recursos. O que foi observado pelos ecólogos em relação à competição entre espécies biológicas aplica-se fielmente à dinâmica de espécies lingüísticas, sobretudo, quando no contexto estão envolvidas línguas majoritárias e minoritárias.

Mas terá veracidade o emprego de princípios das Ciências Naturais na pesquisa lingüística? Na Antiguidade, Aristóteles enunciara que a verdade é a adequação do pensamento à realidade. Aprofundando mais a questão, o criador da Lógica “descobriu leis cuja observância é obrigatória no processo da demonstração e da fundamentação da verdade” (GORSKI & TAVANTS 1968: 33). Em outras palavras, se as proposições iniciais formuladas pelo indivíduo forem verdadeiras e, no processo do raciocínio, as relações estabelecidas por ele respeitarem as leis e regras da Lógica o resultado certamente corresponderá à realidade como já assinalara F. Engels. Tema importante na lógica dialética – relacionado à formação e ao desenvolvimento do nosso saber em geral – é a *comparação*. A comparação aplica-se tanto ao pensamento cotidiano como ao científico.

Assim as exigências de ordem prática levam-nos a uma comparação muito mais heterogênea [que as comparações produzidas espontaneamente em consequência da impressão direta exercida pelos objetos sobre nossos sentidos]. Os interesses e motivos de ordem prática induzem-nos a confrontar e comparar entre si não só objetos situados de modo imediato diante de nós, dentro do campo de ação de nossos sentidos em um dado momento, como também objetos e fenômenos sumamente distantes entre si no espaço e no tempo. Chegamos, desta maneira, a *comparar propriedades que, à primeira vista, pareceriam não ter nada em comum* (...) A multiplicidade e diversidade de direções em que se pode levar a cabo a comparação dos objetos e de suas propriedades são especialmente características do desenvolvimento do

A comparação, entendida como confronto das semelhanças entre os fenômenos, “não constitui, por si, uma inferência lógica (...) somente prepara as condições para que se possa realizar uma inferência” (*idem*, p. 232). No entanto, existe em Lógica o chamado *raciocínio por analogia*, que é mera comparação ou paralelismo entre dois objetos, “que se efetua quando dois objetos têm parte de seus caracteres semelhantes e destes se infere que provavelmente tenham semelhantes os caracteres restantes, já observados em um objeto, mas não no outro” (*Ibidem*). Com base nisso, podemos entender as proposições feitas pelos ecolingüístas, como a elaborada por Salikoko Mufwene, de que ‘toda língua é uma *espécie parasita*’. No mundo natural, *parasita* é a espécie que vive no interior de outra<sup>4</sup>, chamado ‘hospedeiro’; dado que a morte do hospedeiro implica na morte do parasita, “a tendência é que a relação parasitária se torne equilibrada com o decorrer do tempo” (AMABIS & MARTHO 1994: 404). Na inferência por analogia, admite-se que se alguns caracteres de um objeto (no caso, do parasita) são comuns a outro (a língua), a transferência dos demais caracteres daquele para este é uma relação verdadeiramente *necessária* e não mera suposição. Assim tem sido com os *insights* trazidos pela Ecolingüística ao estudo de antigas e novas questões lingüísticas: estão validados pelo raciocínio analógico desenvolvido.

## Aplicação de ferramentas heurísticas da Ecologia em Lingüística

Por se tratar de conceito fundamental da Ecologia, “ecossistema” ingressou no quadro teórico da Ecolingüística com a mesma produtividade, significando ora a *sociedade* no interior da qual a língua se realiza (o **meio ambiente social**), ora o *cérebro* dos falantes de uma língua (o **meio ambiente mental**) e, ainda, o *território* em que vive a comunidade de fala, os hospedeiros de uma espécie lingüística (o **meio ambiente natural**). Entretanto, quando o foco da pesquisa são as relações entre língua e meio social, estamos na arena da sociolingüística, análise do discurso e de outros ramos “sociais” da Lingüística. Já “as relações entre L e MA mental vêm sendo estudadas pela psicologia, pela psicolingüística, como Haugen entrevira, e pelas neurociências, entre elas a neurolingüística” (COUTO 2007: 2). O que ficou, pois, inexplorado ou com irrisória exploração na história da ciência lingüística, foi o inter-relacionamento língua e meio ambiente físico. Contudo, das acepções de *ecossistema* expostas anteriormente, nota-se que duas apontam para a *ecologia externa da língua*, isto é, o ecossistema em

---

4. Evidentemente, existem *parasitas externos* que não nos interessam neste momento.

que ela se insere; ao passo que a outra se refere à *ecologia interna da língua*, ou seja, o sistema, a estrutura da língua e o aporte neuroanatômico dela. Neste último tema, é mais patente a colaboração dos vários campos do saber científico na elucidação do que denomino a *geometria da linguagem* (ou seja, o aspecto fractal das descargas elétricas na rede neural que, após mapeadas, têm revelado as estruturas lingüísticas), foco de investigação das Neurociências.

## Breve história da Ecolingüística

Falar nas raízes da Ecolingüística é recordarmos certos nomes cujas investigações revelaram a ponte entre Natureza e Linguagem, o que lhes permitiu analisar as variadas línguas humanas e os fenômenos por que passam segundo os princípios da biologia/ecologia: o reconhecimento e a defesa da diversidade; o reconhecimento da interação mútua e a percepção da “totalidade” e “unidade” mais do que a “fragmentação”. O primeiro, por ordem cronológica, é Wilhem von Humboldt, filólogo e filósofo alemão, que já nas primeiras décadas dos anos de 1800, tratava da relação entre diversidade lingüística e os diferentes modos de categorização do mundo. Humboldt “via na diversidade um enorme potencial para o desenvolvimento das idéias humanas, uma vez que cada língua com sua ‘forma interna’, constituía-se numa **energeia** (uma energia em trabalho/movimento) para a interpretação do mundo” (FILL 2001: 2).

O segundo nome relevante a ser mencionado é de August Schleicher (1836): um filólogo, influenciado por Hegel, que formulou a teoria de que a língua é um organismo com períodos de desenvolvimento, maturidade e decadência. Schleicher representava as línguas como perfeitos “organismos naturais” que poderiam ser descritos mais convenientemente em termos da Biologia, tais como genes, espécies e diversidade. Antes mesmo de ler a obra revolucionária de Charles Darwin, a *Origem das espécies*, ele estava convencido da descendência natural das línguas e sua competição.

Outro nome que é lembrado, quando nos remetemos aos primórdios do paradigma ecolingüístico, é o de Michael Halliday que, na conferência da AILA em 1990, acentuou em sua comunicação<sup>5</sup> “(...) a conexão entre língua, por um lado, e crescimento, classe e especiação, por outro” (FILL 2001: 43). E quando se diz que a Ecolingüística começou com uma metáfora, é por que assim que ela foi apresentada por Einar Haugen em uma conferência em agosto de 1970, na qual comparou as interações entre uma dada língua e seu ambiente às relações ecológicas entre determinadas espécies

5. ‘New Ways of Meaning’ foi o título da comunicação de Halliday.

de animais e plantas e o *habitat* em que vivem. Desde então, “a metáfora do ecossistema tem sido empregada também (em vez da metáfora da máquina ou da metáfora do computador) para processos cognitivos que ocorrem na mente humana e geralmente para a comunicação interpessoal” (FILL 2001: 45).

Há um brilhante ensaio de Edward Sapir de 1912, intitulado “Língua e meio ambiente”, que é uma exploração da conexão entre ambiente físico e social, por um lado, e língua e cultura, por outro. É, como explica Fill, “a mais prematura tentativa da parte de um lingüista de ir além da descrição da língua em termos de estruturas, sistemas de sons, significados de palavras e assim estabelecer a relação entre ‘Natureza e língua’” (FILL 2001:2). Em uma das passagens deste seu texto, Sapir esclarece que a inter-relação Língua/Meio ambiente encontra-se no nível do vocabulário:

É o vocabulário de uma língua que mais claramente reflete o ambiente físico e social de seus falantes. O vocabulário completo de uma língua pode, na verdade, ser considerado como um inventário complexo de todas as idéias, interesses e ocupações que chamam atenção da comunidade, e é deste modo uma enciclopédia inteira da língua de uma dada tribo ao nosso dispor, da qual nós podemos em grande extensão inferir as características do ambiente físico em que vive o povo e os traços de sua cultura.

O professor Salikoko Mufwene, da Universidade de Chicago, afirma em seu livro *The Ecology of Language evolution* que “fatores ecológicos externos que afetam a reestruturação de uma língua, afetam também aspectos da vitalidade de uma língua, entre os quais estão as línguas em perigo de extinção” (MUFWENE 2001:1). Em outras palavras, para Mufwene a ecologia física determina o *sistema econômico*; este, por sua vez, determina a *estrutura socioeconômica da população*; e a estrutura da população influencia a evolução da língua. Isto porque a ecologia física é um fator que limita as escolhas dos agentes da mudança. Outra questão desenvolvida pelo prof. Salikoko é que um idioleto (língua-I) pode ser analisado como um organismo e a *língua comum* de uma comunidade, i.e., extrapolações dos idioletos, como uma espécie, e mais especificamente, uma espécie parasita, dado que depende em tudo de seus hospedeiros (os falantes). Assim, podemos encarar as mudanças nas estruturas de uma língua, como análogas às mutações sofridas por espécies biológicas a fim de sobreviverem. No processo de transmissão de uma língua, por exemplo, os traços de cada subsistema da língua (seus fonemas, morfemas, sentenças...) podem, ao longo de sua evolução, se recombinar, gerando variedades diferentes da língua, da mesma forma que uma espécie da natureza pode ser vítima de uma recombinação genética.

De acordo com Alwin Fill, referência obrigatória nos estudos ecolingüísticos, “a idéia de transportar conceitos, princípios e métodos da ecologia para o estudo de línguas foi propagado em pouco tempo por um grupo de pesquisadores alemães (a maioria deles da Universidade de Bielefeld) numa

abordagem chamada *lingüística ecológica*” (*Idem*, p.44). Portanto, um dos traços característicos dos trabalhos ecolingüísticos é o emprego de conceitos ecológicos tais como *meio ambiente, conservação, interação e sistema de línguas do mundo* (este último, extraído da noção de “ecossistema”) no estudo de fenômenos psico e sociolingüísticos. Assim, não há dúvidas de que a *Lingüística ecológica* está em contraste com modelos estruturais, para os quais “somente a língua por si mesma, não o seu ambiente, pode ser investigado” (FINKE *apud* FILL 2001:45).

Sabemos que a metodologia lingüístico-estruturalista centra-se “na busca de uma lógica imamente no sistema, preferindo ‘sublinhar a prioridade das relações entre os elementos e do todo sobre as partes’” (DAMASCENO 1977:22). Mas a diferença principal entre as duas abordagens reside na tendência estruturalista de explicar os fenômenos lingüísticos pela não-recorrência a princípios estranhos à linguagem, sendo que a Ecolingüística está preocupada em estabelecer teorias da linguagem baseadas em princípios ecológicos. É preciso que se reconheça que há línguas em cuja categorização (i.e., “o processo integral de organizar a experiência humana em conceitos gerais e em rótulos lingüísticos a eles associados” (CRYSTAL 1988: 44)) apresentam classificações diferentes para uma série de fenômenos: Mühlhäusler (em *Talking about enviromental issues*) cita as diferentes entidades nas diversas línguas que indicam a noção de “existência”.

Ao passo que em inglês, alguém pode dizer: ‘seres humanos existem’; ‘animais existem’; ‘micróbios existem’; ‘carros existem’; ‘perturbações existem’; ‘situações de emergência existem’; ‘poluição existe’; em uma língua tal como o *Enga* das montanhas da Nova Guiné (descrita por Lang, 1975) o verbo escolhido para traduzir ‘existe’ varia com as propriedades de seu sujeito (p.37).

A importância do estudo da Ecologia das línguas torna-se ainda mais premente quando se fala da defesa da *diversidade lingüística*. E isto tem sido feito por meio da investigação, documentação e revitalização de muitas das línguas em perigo de extinção – em sua maioria, línguas de minorias étnicas. Afinal, não se pode negar a situação de competição de línguas em uma sociedade, comunidade, país, até mesmo no mundo inteiro. Como disse William F. Mackey:

Exatamente como a competição por recursos biológicos limitados cria conflito na natureza, assim também se dá com as línguas. Se um peixe pequeno entra em contato com um peixe grande, é o menor que é mais provável de desaparecer (MACKEY *apud* FILL 2001:18).

A conclusão a que podemos chegar é a de que as línguas são sistemas naturais dinâmicos obedientes a princípios naturais, como os de inter-relacionamento, competição/seleção, adaptação, *autopoiesis*, dentre outros. Nota-se também a adequação dos modelos ecológicos para a compreensão de fenômenos culturais, especificamente os lingüísticos, em afirmações como a de Andrzej Mirga,

cigano polonês, ao pronunciar-se a respeito dos casamentos de ciganos com não-ciganos:

Nossas mães não estão nada contentes com essa moda. Elas não precisam se preocupar: em vez de contribuir para a desintegração do grupo ou sua assimilação ao mundo *gadjo*, o casamento cruzado aumenta a população cigana. As crianças dessas uniões, assim como os mulatos e mestiços em qualquer parte, são considerados por todos como ciganos (FONSECA 1996: 25).

O entendimento de uma situação real, como a expressa na observação de Mirga acerca do casamento extra grupo, pode ser aprimorado pela análise ecológica sobre a distribuição de uma metapopulação (como é o caso de algumas comunidades ciganas) em manchas de *habitat* e como o tamanho e a disposição destas em um território implicam na estabilidade de uma população (comunidade lingüística) e nas interações entre espécies lingüísticas.

## 1.4 – ESTRUTURA DO TRABALHO

Neste trabalho, tive a intenção de confeccionar uma lista temática da língua *calon* e, para tanto, fez-se imprescindível tratar anteriormente de algumas questões históricas e teóricas para que o usuário tivesse em mãos não só uma lista de palavras dispostas em ordem alfabética com uma e outra informação gramatical. A inquietação que me acompanhou ao longo da pesquisa foi, sobretudo, mostrar a formação histórica do *calon* e analisar o componente léxico-semântico desta língua em perigo de extinção.

Assim, o capítulo II da Tese está voltado para um esboço histórico do subgrupo *Calé* ou, em outras palavras, dos ciganos cujo *habitat* tem sido, desde os primórdios do século XV, as extensões da Península Ibérica. Falarei sobre a chegada dos *Roma* à Espanha, as regiões em que estanciam, os acontecimentos marcantes de sua estada em território espanhol, o legado dos *gitanos* e a data e a(s) causa(s) de sua migração para Portugal. Neste novo país, mostrarei igualmente as localidades que escolheram para habitar, a influência cultural mútua entre portugueses e ciganos, os fatos relacionados com os ciganos no período anterior e posterior ao das Circunavegações e os motivos do banimento de famílias ciganas para colônias portuguesas d'além mar. Como desfecho do capítulo, apresentarei os ciganos *Calon* do Brasil: a sua “omitida presença” na história brasileira; uma descrição dos seus costumes e crenças (incluindo antigas tradições das quais restam vestígios apenas no imaginário dos *puron*<sup>6</sup>), a distribuição espacial dos agrupamentos *Calon* em nosso território e um panorama da vida atual destes ciganos.

<sup>6</sup>. Em *calon*, vocábulo para ‘velhos’.

O capítulo III será dedicado ao estudo lingüístico do sub-ramo *ibérico* do *romani*, que inclui “duas variedades, hoje praticamente extintas: o *Romani catalão* e o *Romani basco*” (Cf. Yantorno); o *Caló*, falado pelos *gitanos*; o *Calão* dos ciganos portugueses e o *calon*, a língua dos ciganos brasileiros de ascendência portuguesa. Dado que estamos diante de “variedades mistas” do *romani*, ou seja, “(...) *varieties preserved only the Romani lexicon, whereas the grammatical structures correspond to those of the contact languages almost in detail*” (BORETZKY & IGLA s.d.: 38), propus-me investigar os empréstimos das línguas européias – que se fazem notar nos primeiros elementos estrangeiros a entrarem numa língua: as palavras (Cf. Thomason & Kaufman 1991) – e as interferências no substrato “(...) *that result from imperfect group learning during a process of language shift*” (THOMASON & KAUFMAN, p.38). A identificação das estruturas tomadas de outras línguas ocorrerá no decurso do trabalho de comparação linear do *Caló-Calão-calon*. Consta, neste capítulo, um estudo dos “campos semânticos do atual léxico *calon*”, tarefa que demandará uma revisão de certos aspectos de teorias semânticas e a fundamentação da escolha pela teoria dos campos semânticos formulada pelo lingüista alemão Jost Trier e expandida posteriormente por L. Weisgerber e outros. Por fim, e respeitando a postura teórica que resolvi adotar em meus trabalhos lingüísticos, ofereço uma análise da situação de contato *calon* e português do Brasil de uma perspectiva ecolingüística. Com base no ‘princípio da exclusão competitiva’, formulado pelo biólogo russo G. F. Gause, diferentes espécies podem ter o mesmo *habitat*, mas nunca terão por muito tempo o mesmo *nicho ecológico* (i.e., o mesmo papel funcional no sistema), isto porque a competição interespecífica leva uma delas a desaparecer, cedendo lugar à outra. Este é um dos princípios da ecologia que se aplica fielmente ao estudo da *atrição lingüística*. Portanto, ao aplicá-lo à situação de enclave do *calon* no território de uma comunidade de língua portuguesa, tenciono demonstrar a importância de fatores socioambientais como tamanho da população de falantes (variável em função da taxa de mortalidade e natalidade, bem como da taxa de emigração), grau de mobilidade e atitude de resistência cultural.

O apêndice I é a própria Lista que pretendo, ao término da pesquisa, entregar à comunidade de Mambai para que sirva de apoio aos mais velhos na tarefa de transmissão da língua às novas gerações e, quiçá, possa servir no futuro a alguém de dentro da comunidade, preocupado em refletir sobre a própria língua, que assim terá em mãos o registro de um estágio evolutivo do *calon*.

## IV. CONCLUSÃO

Dois dos cinco pontos em que se apóia a *teoria da evolução* do naturalista inglês Charles Darwin afirmam que (i) os organismos estão em um lento, mas constante processo de *mutação* e que (ii) espécies “tronco” vão dando origem a outras que saem do veio principal como “galhos”, diferenciando-se gradativamente. Essas duas constatações, ainda hoje irrefutadas, explicam a recolha realizada nesta tese de fatos e argumentos com o objetivo de revalidar certas afirmações acerca do histórico do subgrupo *Calé* (do qual o dialeto *calon* é um dos “galhos”) e rever outras referentes à influência desta tribo cigana nas várias ecologias por onde passou.

Ao apresentar a ascendência da espécie lingüística *calon*, que remonta ao *romani* (ancestral comum dos dialetos ciganos), e as adaptações sofridas pelo *caló* e o *calão* nos ambientes em que foram obrigados a viver, creio ter diminuído a força de duas proposições: primeiro, a de que a língua dos ciganos fosse “inventada”, uma linguagem usada por “malandros e ladrões” (estigma dos Ciganos ao longo da história) para não serem compreendidos pelas outras pessoas, o que se costumou chamar em Portugal “calão”, nome advindo – como visto no decurso deste trabalho – da denominação da língua original dos ciganos portugueses; e, segundo, a de que os *Calon*, por serem considerados “falsos ciganos”, falam uma versão corrompida do dialeto de tribos ciganas de outra descendência.

Outras idéias de natureza histórica e etnográfica foram aqui mencionadas com o propósito de avançar no debate de questões ciganológicas ainda não consensuais (como é o caso da proto-língua do *romani* e da participação dos ciganos degredados no povoamento da parte sul do Brasil) e, mesmo, de registrar comportamentos étnicos já em fase de desaparecimento.

De fato, o material lingüístico que compõe este estudo, em especial o vocabulário *calon* e *calão*, colhidos em primeira mão (o que custou a ida do pesquisador a Portugal para coleta de palavras em arquivos institucionais e junto a comunidades ciganas), conferem a esta pesquisa o ineditismo no campo dos estudos lingüísticos brasileiros acerca dos dialetos ciganos.

A perda vocabular constatada em certos campos semânticos, bem como a especialização de outros, acompanham as transformações socioeconômicas sofridas pelos *Calon* chefiados pelo Sr. Dálcio. Este fato reforça o postulado de que a língua (não apenas “produto da cultura”, mas também “meio de acesso a/transmissão da cultura”) reflete as modificações que seus falantes experimentam ao longo de sua história. A mutabilidade de um sistema lingüístico não constitui à ciência lingüística a menor

preocupação; ao contrário, é o estudo desta dinâmica interna que traz à tona fatos antes encobertos pelo uso. O aspecto alarmante encontra-se na atitude da nova geração, a esperança de continuidade deste traço cultural, que encara com pouco ou nenhum receio a lenta deterioração do seu dialeto.

Só recentemente o Governo Federal deu um passo decisivo na preservação desta minoria étnica ao decretar a criação do Dia Nacional do Cigano, o que forçou os meios de comunicação do país a darem “visibilidade” a estes que só conhecíamos de lembranças antigas e distorcidas. Está previsto, inclusive, que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN inicie o inventário do patrimônio material e do patrimônio imaterial dos Ciganos, do qual a língua é sem dúvida a marca identitária mais forte. Assim, o trabalho que entrego aos ciganos e à comunidade científica tem esta pretensão: servir de base para futuras investigações lingüísticas que aprofundem e ampliem o acervo e as análises aqui apresentadas e, deste modo, evitem que uma língua milenar riquíssima se perca, ainda que para isso concorra sobremaneira a atitude de seus falantes remanescentes.

## V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOLFO, Sérgio Paulo. *Rom: uma odisséia cigana*. Londrina: Ed. UEL, 1999.
- ALVES, Adalberto. *Portugal: Ecos de um Passado Árabe*. Lisboa: Instituto Camões, Coleção Lazúli, 1999. Disponível em [www.instituto-camoes.pt/cvc/lazuli/01/port/ecos.pdf](http://www.instituto-camoes.pt/cvc/lazuli/01/port/ecos.pdf) (acessado em 27 de março de 2007).
- AMABIS, José Mariano; MARTHO, Gilberto Rodrigues. *Biologia das Populações: genética, evolução e ecologia*. São Paulo: Moderna, 1994.
- APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. *Bilinguismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Editorial Ariel, 1996.
- ARENDS, Jacques et al. *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1995.
- BAKKER, Peter & MUYSKEN, Pieter. "Mixed languages and language intertwining". In: ARENDS, Jacques et al. *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- BALDINGER, Kurt. "Semasiologia e Onomasiologia". Revista Alfa, FFCL Marília. p. 7-36, 1963.
- BALDUS, Herbert & WILLEMS, Emilio. *Dicionário de Etnologia e Sociologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.
- BASHAM, Arthur Lhewelgyn. *The Wonder that was india*. London: Sidgwick & Jackson, 1961.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.
- BOAS, Franz. *A formação da antropologia americana 1883-1911: antologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- BOREZKY, Norbert & IGLA, Birgit. "Romani Mixed Dialects". In: BAKKER, Peter & MAARTEN, Mous (orgs.) *Mixed languages*. Amsterdam: IFOTT.
- BORROW, George Henry. *The Zinçali: An account of the gypsies of spain*. London: J Murray, 1908
- CALDERON, Don Adamo. *Tradições Mágicas dos Ciganos*. São Paulo: Editora Alemdalenda, 1994.
- CAMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e gramática*. 16.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus, 2000.
- CHINA, José B. d'Oliveira. *Os Ciganos do Brasil: subsídios históricos, ethnographicos e linguísticos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1936.
- CLÉBERT, Jean-Paul. *The Gypsies*. England: Penguin Books, 1967.
- COELHO, Adolfo. *Os Ciganos de Portugal: com um Estudo sobre o Calão*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- COSERIU, Eugenio. *Tradição e novidade na ciência da linguagem: estudos de história da lingüística*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- COUTO, Hildo Honório. *Lingüística e Semiótica Relacional*. Brasília: Thesaurus, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Anticrioulo: manifestação lingüística de resistência cultural*. Brasília: Thesaurus, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Ecolingüística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- DAMASCENO, José Ribeiro. *Introdução ao estruturalismo em lingüística*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- DANIÉLOU, Alain. *Shiva e Dionísio: a Religião da Natureza e do Eros*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DERLON, Pierre. *Tradições Ocultas dos Ciganos*. São Paulo: Difel, 1975.

- DORIAN, Nancy C. (ed.). *Investigating obsolescence: studies in language contraction and death*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.
- D'ANDRADE, Roy. *The Development of cognitive Anthropology*. Great Britain: Cambridge University Press, 1996.
- FERRARI, Florencia. *Palavra Cigana: seis contos nômade*s. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- FILL, Alwin. *Ecolinguistics: State of the arte 1998*. In: Fill & Mühlhäusler (orgs.) 2001.
- FONSECA, Isabel. *Enterrem-me em pé*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FRASER, Angus. *História do Povo Cigano*. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.
- GAMELLA, Juan F. *La Población Gitana en Andalucía: um estudio exploratorio de sus condiciones de vida*. Sevilla: Escandón, s.d.
- GARCÍA, José Luis Navarro & NÚÑEZ, Miguel Roper. *Historia del Flamenco*. Sevilla: Ediciones Tartessos, 1995. Vol. I.
- GARCÍA LORCA, Federico. *Conferências*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- GECKELER, Horst. *Semántica Estructural y Teoría del Campo Léxico*. Madrid: Editorial Gredos, 1976.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GEIPEL, John. “Caló: a linguagem ‘secreta’ dos ciganos da Espanha”. In: *Línguas e Jargões: contribuições para uma história social da linguagem*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- GONZÁLEZ, Nicolás Jiménez. “La lengua nos enseña la Historia” *I Tchatchipen*. Editada por el Instituto Romanò de Servicios Sociales y Culturales. nº 39, p. 19-29. Out-Dez 2002.
- GORSKI, D.P. & TAVANTS, P. V. *Lógica*. 2ª ed. México: Editorial Grijalbo, 1968.
- GRAÇA, Adriana Silva. *Referência e Denotação: Um ensaio acerca do sentido e da referência de nomes e descrições*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- HANCOCK, Ian. *A Handbook of Vlax Romani*. Ohio: Slavica Publishers, 1995.
- HOENIGSWALD, Henry M. *Language Change and Linguistic Reconstruction*. U.S.A.: The University Chicago Press, 1960.
- HOURLANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- INGOLD, Tim (ed.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. New York: Routledge, 2002.
- KLEIBER, Georges. *La Sémantique du prototype. Catégories et sens lexical*. Paris: PUF, 1990.
- LELAND, Charles Godfrey. *Gypsy sorcery and fortune-telling*. New york: Dover Publications, 1971.
- LIÉGEOIS, Jean-Pierre. *Gitanos e Itinerantes*. Madri: Editorial Presencia Gitana, 1987.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- LUENGO, Luis Alonso. *Los Maragatos: su origen, su estirpe, sus modos*. León: Ediciones Lancia, 1992.
- LYONS, John. *Semantics*. Great Britain: Cambridge University Press, 1977. V.I  
 \_\_\_\_\_ . *Semantics*. London: Cambridge University Press, 1984. vol. I  
 \_\_\_\_\_ . *Semântica*. Portugal: Editorial Presença, 1977.
- LYSEBETH, André. *Tantra, o culto da Feminilidade*. São Paulo: Summus, 1994.

- MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à Semântica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- MARTINET, André. *Conceitos Fundamentais da Lingüística*. Portugal: Editorial Presença, 1976.
- MARTINEZ, Nicole. *Os Ciganos*. Campinas: Editora Papirus, 1989.
- MELO, Fabio José Dantas de. 2005. *O romani dos Calon da região de Mambá: uma língua obsolescente*. UnB, dissertação de mestrado.
- MORAES FILHO, Alexandre J. de Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal, 2002.
- MOTA, Maria Antónia. “Línguas em contacto”. In: *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 1996
- MUFWENE, Salikoko S. *The Ecology of Language Evolution*. New York: Cambridge University Press, 2001.
- NUNES, Olímpio. *O Povo Cigano*. Lisboa, Ed. do autor, 2ª edição, 1996.
- ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e beduínos: a origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: J Olympio, 1948.
- PABANÓ, F. M. *Historia y Costumbres de los Gitanos*. Espanha: Extramuros Edición, 1915.
- PASSOS, Maria de Lourdes Rodrigues da Fonseca. *Bloomfield e Skinner: língua e comportamento verbal*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.
- PIERONI, Geraldo. *Vadios e Ciganos, Heréticos e Bruxas: Os degredados no Brasil-Colônia*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000.
- PINKER, Steven. *O Instinto da Linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002
- QUINDALÉ, F. *Diccionario caló-espanhol*. Disponível na URL: <[http://www.caf.cica.es/mundo\\_flamenco/caló/vocabulario.html](http://www.caf.cica.es/mundo_flamenco/caló/vocabulario.html)>
- RAMOS, Artur. *Introdução a Antropologia Brasileira*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Casa Estudante Brasil, 1973.
- RAMPAZZO, Lino. *Metodologia científica*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- REMMERT, Hermann. *Ecologia*. São Paulo: EPU: Springer: Ed. da Universidade de São Paulo, 1982.
- REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL. Rio de Janeiro, ano 2, nº 14, nov. 2006.
- RICKLEFS, Robert E. *A economia da natureza*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- ROBINS, Robert Henry. *Lingüística geral*. Porto alegre: Globo, 1977.
- SAPIR, Edward. *Lingüística como Ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.
- SWADESH, Mauricio. *El Lenguaje y la vida humana*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1973.
- THOMASON, Sarah G. & KAUFMAN, Terrence. *Language contact, creolization and genetic linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.
- TYLER, Stephen A. *Cognitive Anthropology*. United States of America: Holt, Rinehart and Winston, 1969.
- ULLMANN, Stephen. *The Principles of Semantics*. Oxford: Basil Blackwell, 1967.
- VARGAS, Alejandro. “Los gitanos en la Cataluña del siglo XVIII”. *I Tchatchipen*. Editada por el Instituto Romanò de Servicios Sociales y Culturales. nº 39, p. 42-46. Out-Dez 2002.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil, antes da sua separação e independência de Portugal*. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- YIN, Robert K. *Case Study Research: Design and Methods*. 2nd ed. California: SAGE Publications, 1994
- WAGNER, Max L. “O Elemento Cigano no Calão e na Linguagem Popular Portuguesa”. In: Boletim de Filologia, tomo X, 1949, Biblioteca Digital Camões.



## LEGENDA

■ VERBOS	■ TEMPO
■ ATRIBUTIVOS	■ ESPAÇO
■ INSTRUMENTOS GRAMATICAIIS	■ QUANTITATIVOS
■ NOMINATIVOS	■ PARTES DO CORPO
■ NATUREZA	■ EMOÇÕES/SENTIMENTO
■ ANIMAIS	■ VALORES
■ PLANTAS	■ ARTEFATOS
■ ALIMENTAÇÃO	■ VESTUÁRIO
■ FENÔMENOS NATURAIS	■ MEIOS DE TRANSPORTE
■ ASPECTOS TOPOGRÁFICOS	■ OBJETOS NATURAIS
■ PARENTESCO	■ DOENÇAS
■ INSETOS	
■ UNIVERSO ESPIRITUAL	

- Quando se tratar de uma locução, para não confundir com as palavras adjacentes do conjunto, grafei a letra inicial do primeiro constituinte em maiúscula;
- Os elementos mórficos que aparecem entre colchetes são exóticos à língua cigana (no caso são vocábulos da língua portuguesa);
- Quando encontrar dois termos juntos, separados por uma barra simples (*e.g.*, *riban/inriban*), trata-se de formas variantes no dialeto *calon*;
- Palavras compostas em fronteira de conjuntos foram separadas por hífen, significando que tanto o primeiro constituinte como o segundo constituinte são empregados separadamente na língua;
- Palavras co-indexadas (em vermelho) significam expressões de um mesmo conceito.

VII. ANEXO II

Correspondência vocabular do subgrupo Calé (Caló-Calão-Cálon)

CALÓ	CALÃO	CALON	SIGNIFICADO
<b>Abestiqué</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Bestí</b> , <b>Bica</b>	<b>Schtula</b> ( <sub>ON</sub> )	[de] <b>abastinhar</b>	Assento, cadeira
<b>Abri</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Bartrabé</b> , <b>Avrale</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Avrin</b>	Fora, no exterior
<b>Acnáo</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Asnáo</b> , <b>Anav</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Alau</b> ( <sub>P</sub> e <sub>BG</sub> ), <b>Liruke</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Anau</b>	Nome
<b>Quer/Que</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Alquerú</b> ( <sub>MРН</sub> ), <b>Ker</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Quere</b> ( <sub>P</sub> e <sub>BG</sub> ), <b>Squers</b> ( <sub>FMA</sub> ), <b>Qué(r)/Ker</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Ker</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Quere</b>	Casa
<b>Ancha</b> ( <sub>MРН</sub> ), <b>Foró</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Fòro</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Gau</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Faró</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Gau</b>	Cidade
<b>Andoba</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Caba/Ocoisa/Oconó</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Kava/Odova</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Udora</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Odova</b>	Este, aquele
<b>Angutsi</b> ( <sub>MРН</sub> ), <b>Panró/Angustí/Langustiá</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Baste</b> ( <sub>FMA</sub> e <sub>BG</sub> )	<b>Vais</b>	Dedo
<b>Quiliyó/Anguistró</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Auguston</b>	Anel
<b>Anró</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> )	<b>Yaro</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Anrron</b>	Ovo
<b>Aocaná</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> )		<b>Aguran</b>	Agora
<b>Apalá</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Palal</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Apalén</b>	Detrás
<b>Arachí</b> ( <sub>MРН</sub> ), <b>Rachí</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Rat</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Arachi/Rachi</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Rat</b> ( <sub>ON</sub> e <sub>BG</sub> )	<b>Dirachin</b>	Noite
<b>Araquerar</b> ( <sub>MРН</sub> ), <b>Raquerín</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Arakerav</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Ariquerar</b> ( <sub>P</sub> e <sub>BG</sub> ), <b>Rakava</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Pinar/Pinelar</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Ariqueldar</b>	Falar
<b>Corpiche</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Arcopichó</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Curpicho</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Curpiche</b>	Arroz
<b>Asparabar</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Parabelar</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Paguerdar</b>	Quebrar, romper
<b>Churí</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Atacaor</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Tchuri</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Tchorin</b> ( <sub>P</sub> e <sub>BG</sub> ), <b>Churi</b> ( <sub>JA</sub> e <sub>ON</sub> ), <b>Atacador</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Churin</b>	Faca

<b>Bajañi</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Sonanta</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Bajañi</b> ( <sub>MC</sub> ) <sup>1</sup>	<b>Sonanta</b> ( <sub>JA e ON</sub> )	<b>Bacharador</b>	Guitarra
<b>Bal</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Bale</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Bal</b> ( <sub>BG</sub> ), <b>Portina</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Bale</b>	Cabelo
<b>Barbalí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Shukar</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Babanin</b>	Graciosa, airosa
<b>Baró</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Baré/Barí</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Baro</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Baró</b> ( <sub>JA, ON e BG</sub> )	<b>Baron</b>	Grande
<b>Barrandañi</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Bar/Barendañi/Berrandañi/Turrón</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Barrin</b>	Pedra
<b>Daí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Bata</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Dai</b> ( <sub>P, BG e FMA</sub> ), <b>Dai/Bata</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Dai/Dei</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Dai</b>	Mãe
<b>Batipurí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Màmi</b> ( <sub>MC</sub> ) <b>Paparuñi/Paruñi/Tesquela/Beripapí</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Puri</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Bute puron</b>	Vó
<b>Benguí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> )	<b>Elbengue</b> ( <sub>P e BG</sub> ), <b>Bang/Bengue/Dengue</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Bengue</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Ubengue</b>	Diabo, demônio
<b>Beré</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Birdoche</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Berdon</b> ( <sub>P e AC</sub> ), <b>Machina/Vurdo</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Carruntcho</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Vurdon</b> ( <sub>BG</sub> )	<b>Beron</b>	Carro
<b>Bestar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Bejelar/Bestelar</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Beshav</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Bistinhar</b>	Sentar
<b>Bisnar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Binar/Binelar</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Binav</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Benar</b> ( <sub>P</sub> ), <b>Binar</b> ( <sub>FMA e BG</sub> ), <b>Bilebar</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Bikinava</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Binar</b>	Vender
<b>Brijinda</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Brijindia</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Brishind</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Brichandri</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Brichindon</b>	Chuva
<b>Brojeró</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> )		<b>Barondesque</b>	Chefe (de família)
<b>Bucharadar</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Alachar/Despandar/Buhardar/Pinchar/Pindrabelar</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Alaquinhar</b>	Descobrir
<b>Bucharadar</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Bucharelar/Tarrascar</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Buchardon</b>	Atirar
<b>Buchí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Butchi</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Butchin</b> ( <sub>BG</sub> )	<b>Buchin</b>	Coisa
<b>Bulistraba</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Julistraba</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Bitcha</b> ( <sub>P, BG e JA</sub> )	<b>Culebra</b>	Cobra

<b>Camelar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Camblar/Jelar</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Kamav</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Camelar</b> ( <sub>JA, ON e BG</sub> )		Querer, cortejar
<b>Cangrí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Cangari/Cangaripé</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Cangrí</b> ( <sub>FMA, ON e JA</sub> )	<b>Biditi [dol duver]</b>	Igreja
<b>Estaribel</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Estaripel/Pandibó</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Istariben</b> ( <sub>P e BG</sub> ), <b>Trujó/Chola</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Chola</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Istaripén, Canguirín</b>	Prisão
<b>Cas</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Cate/Caste</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Castres</b> ( <sub>FMA</sub> ), <b>Marrana</b> ( <sub>AC</sub> ), <b>Ran/Tirante</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Cais, Casti</b>	Lenha, (pedaço de) pau, árvore
<b>Casté</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Caté</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Rukh</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Petuno</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Chuchane</b>	Peito
<b>Chuchai(s)</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Chepo</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Char</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Chari</b>	Capim, pasto
<b>Cha</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Yabán</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Chavó</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Chavo/Chavorró</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Chávo</b> ( <sub>BG</sub> ), <b>Hijo</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Chavon, Chaborron</b>	Filho, rapaz
<b>Chaboró</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Chabal/Chavoró</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Tchavo</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Chachipén</b> ( <sub>ON, JA e BG</sub> )	<b>[Inão] unga rabique</b>	Verdade
<b>Chachipén</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Tchatchipen</b> ( <sub>MC</sub> ), <b>Chachipé/Chipé/Chipén</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Chanelar</b> ( <sub>P e BG</sub> ), <b>Sabuncha</b> ( <sub>AC</sub> )	<b>Janinhar</b>	Saber
<b>Chanar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Siscababén(s)/Chanelar</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Djanav</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Chanelar</b> ( <sub>ON, JA e BG</sub> )	<b>Janelo</b>	Compreender, entender
<b>Chanelar</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Jabiyar/Jabiyelar/Pincherar</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Halovav</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Piltra</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Istaribein</b>	Cama
<b>Charipén</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Cheripén/Ovil</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Chi</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Chichin</b>	Nada
<b>Chi</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Nastía</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Chique</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Cheme</b>	Terreno
<b>Chén</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> )	<b>Tino</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Chinurron</b>	Pequeno
<b>Chinorré</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Chimó/Nebaró</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Tikno</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Dabardar</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Dabardar/Ocanar</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Querdar</b>	Rezar
<b>Dabardar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Drabardar</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Dispandinar</b>	Soltar, desatar
<b>Despandar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Mequelar/Mequerar/Nabelar</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Diquinhar</b> ( <sub>P e BG</sub> ), <b>Dicar</b> ( <sub>JA e ON</sub> )	<b>Diquinhar</b>	Ver
<b>Dicar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Apicharar/Guipar</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Dinhar</b> ( <sub>P, JA, ON e BG</sub> )	<b>Dinhar</b>	Dar
<b>Diñar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Diñelar</b> ( <sub>FMP</sub> )			

<b>Drá</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), Arasnó/Canguelo/Espajú ( <sub>FMP</sub> )	<b>Dare</b> ( <sub>P e BG</sub> ), <b>Jinda</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Trais</b>	Medo
<b>Drupó</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Trupo</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Trupo</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Trupe</b>	Corpo
<b>Dur</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Aluné</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Dur</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Bute dure</b>	Grande distância
<b>Enrén</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>André/Enrún</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Panrren</b>	Dentro
<b>Gáu</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Gal</b> ( <sub>MRN</sub> ), Pucanó/Sueste <sup>2</sup> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Gao</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Gau</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Gau</b>	Povoado, lugar
<b>Garabar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> )Archelar/Cabañar/Bucharar ( <sub>FMP</sub> )	<b>Pasabelar</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Chidar [no] puis</b>	Enterrar, sepultar
<b>Chibar/Uchararar</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Garabar</b> ( <sub>P e ON</sub> )		
<b>Gastrí</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Greñí/Maya/Ternorí</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Grasni</b> ( <sub>ON, JA e BG</sub> ), <b>Granhúm</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Grarnin</b>	Égua
<b>Gaté</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), Lima ( <sub>FMP</sub> )	<b>Gade</b> ( <sub>FMA</sub> ), <b>Lima</b> ( <sub>JA e ON</sub> )	<b>Gade</b>	Camisa
<b>Guiyabar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Giyabar/Gibelar/Labelar</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Gilavav</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Pandigar</b> ( <sub>P e BG</sub> ), <b>Jillabar</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Jibelar/Jillabar</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Guiardar</b>	Cantar
<b>Jinar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Barnojinar</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Guinar</b>	Contar
<b>Jeró</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Chola</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Rero</b> ( <sub>BG</sub> ), <b>Chero</b> ( <sub>JA e ON</sub> )	<b>Cheron</b>	Cabeça
<b>Jibichá</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> )	<b>Calduntcho</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Rabengue</b>	Sopa
<b>Jayeres</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Parné/Gueltré/Jandoró/Jandoripen/Lobén</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Love</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Parnon</b> ( <sub>P e BG</sub> ) <sup>3</sup> , <b>Parné</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Quina/Parnau/Parné</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Radeins</b>	Dinheiro
<b>Jalaballí</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Jalabayí/Julabayí</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Biditi [del] querdá quere</b>	Vassoura
<b>Jalar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Jamar/Payipear/Muquir</b> ( <sub>FMP</sub> )	<b>Ralar</b> ( <sub>P e BG</sub> ), <b>Ralhar</b> ( <sub>FMA</sub> ), <b>Ramar/Muquir</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Ramar</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Raiar</b>	Comer
<b>Lachó</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Fendó/Baró</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Latcho</b> ( <sub>MC</sub> )	<b>Lacho</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Lachon</b> ( <sub>BG</sub> )	<b>Lachon</b>	Bom

<b>Lirí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Eschastrá</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Liri</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Prastáin</b> <sup>4</sup>	Lei
<b>Lon</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> , “de pedra”), <b>Loy</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Loni</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Lon</b>	Sal
<b>Lumí</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Lumia/Lumiasca</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Lumia</b> ( <sub>P, JA, ON e BG</sub> ), <b>Levinhi</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Lubiin</b>	Prostituta
<b>Maas</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Brinzá</b> (“cozida”, <sub>FMP</sub> )		<b>Mas</b> ( <sub>BG</sub> ), <b>Brinza</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Mais</b>	Carne
<b>Mangue</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Man/Menda</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Me</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Man</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Menga</b>	Eu
<b>Manró</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Jumerí</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Manro</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Marron</b> ( <sub>P e BG</sub> ), <b>Maró/</b> <b>Manró</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Manró/</b> <b>Marrón</b> ( <sub>AC</sub> ), <b>Jumer</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Morrón</b>	Pão
<b>Manú</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Paiyó/Jeré</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Manush</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Rámbo</b> ( <sub>P, BG e JA</sub> ), <b>Manus</b> ( <sub>AC</sub> ), <b>Tunrrone</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Manus</b>	Homem
<b>Mistó</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Mishto</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Mistó</b> ( <sub>BG, JA e FMA</sub> )	<b>Mistore</b>	Bem
<b>Muí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Retuñí/Sonsi</b> ( <sub>FMP</sub> )			<b>Muis</b>	Boca
<b>Muló</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> )		<b>Muló</b> ( <sub>JA e ON</sub> ), <b>Molon</b> ( <sub>BG</sub> )	<b>Mulon</b>	Morto
<b>Mutrar</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Mear</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Murtinhar</b> ( <sub>P e BG</sub> ), <b>Mutrinhar</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Mudrinhar</b>	Urinar
<b>Naquí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Nacré, ñaclé</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Náques</b> ( <sub>BG</sub> ), <b>Nak</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Narés/Nak</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Naqui</b>	Nariz
<b>Nanai</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> )		<b>Nanai</b> ( <sub>JA e BG</sub> ), <b>Nanais</b> ( <sub>P, “não”</sub> )	<b>[Nem] êqui</b>	Nenhum
<b>Nasaló</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Merdó</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Langue</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Nachalon</b>	Doente
<b>Nerachir</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Nerachilar</b> ( <sub>FMP</sub> )			<b>Dirachin</b>	Anoitecer
<b>Niquillar</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Niquiyar/Nichobelar/Sicabar</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Sicabar</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Sicobar</b> ( <sub>BG</sub> )	<b>Niscudar</b>	Sair
<b>Ochardó</b> ( <sub>MRN</sub> ), <b>Chardí/Ochardí</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Fardí</b> ( <sub>JA, “roupa”</sub> )	<b>Chardin</b>	Manto
<b>Ondoquí</b> ( <sub>MRN e FMP</sub> ), <b>Acoí/Atocé</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Acoi</b> ( <sub>P e BG</sub> )	<b>Acai, Ocoi</b>	Aqui

<b>Oté</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Aoter</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Aloi</b> ( <sub>P</sub> e <sub>BG</sub> )	<b>Otem, Ocoi</b>	Lá
<b>Orobar</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> )		<b>Arobar</b> ( <sub>P</sub> ), <b>Orabar</b> ( <sub>JA</sub> e <sub>ON</sub> ), <b>Orobar</b> ( <sub>BG</sub> )	<b>Aruvinhar</b>	Chorar
<b>Pañi</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Ansia</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Pañi</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Panin</b> ( <sub>P</sub> ), <b>Ancia</b> / <b>Panchi</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Panhí</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Lume/Penhi</b> ( <sub>FMA</sub> ), <b>Paní</b> ( <sub>BG</sub> )	<b>Pain</b>	Água
<b>Papiri</b> ( <sub>MРН</sub> ), <b>Yulí</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Papirus</b> ( <sub>P</sub> ), <b>Yuli</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Yulí/Papiera</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Papir</b> ( <sub>FMA</sub> ), <b>Lili</b> ( <sub>BG</sub> )	<b>Papiri</b>	Papel, cartão
<b>Paré</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> )			<b>Biditi [do]</b> <b>duver</b>	Nuvem
<b>Perdó</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ) e ( <sub>MC</sub> )			<b>Perdon</b>	Cheio
<b>Pinré</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Pindré</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Pinré</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Pinrres</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Penrran</b>	Pé
<b>Pirar</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Pirelar/Chalar</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Djav/Djalav</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Pirar</b> ( <sub>FMA</sub> ), <b>Garandar/ Purar</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Djava</b> ( <sub>ON</sub> )	<b>Pirinhar</b>	Caminhar, andar
<b>Plasnó</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Parnó</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Parnon</b> ( <sub>BG</sub> )	<b>Parnon</b>	Branco
<b>Plastanear</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Chapescar/Najar/Plastarar</b> ( <sub>FMP</sub> )			<b>Prastanhar</b>	Correr
<b>Pu</b> ( <sub>MРН</sub> ), <b>Chen/Jolilí/Chiquén</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Pus</b> (“palha”)/ <b>Tchik</b> ( <sub>ON</sub> ), <b>Pus</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Puz</b> ( <sub>FMA</sub> )	<b>Puis</b>	Terra
<b>Purí</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Puri</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Puri</b> ( <sub>JA</sub> e <sub>ON</sub> )	<b>Purin</b>	Velha
<b>Pustán</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Bostán/Dicló</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Dicló</b> ( <sub>JA</sub> ), <b>Dicló</b> ( <sub>ON</sub> , “lenço de cabeça”)	<b>Pustan</b>	Lenço
<b>Quirá</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Formaje</b> ( <sub>FMP</sub> )		<b>Quirá(é)</b> ( <sub>JA</sub> )	<b>Quirais</b>	Queijo
<b>Rom</b> ( <sub>MРН</sub> e <sub>FMP</sub> ), <b>Romá/Ro</b> ( <sub>FMP</sub> ), <b>Rom</b> ( <sub>MC</sub> )		<b>Rom</b> ( <sub>JA</sub> , <sub>ON</sub> e <sub>BG</sub> )	<b>Rom</b>	Esposo

<b>Roin</b> ( <i>MRN</i> ) <sup>5</sup> , <b>Breca/Paleta</b> ( <i>FMP</i> ), <b>Roj</b> ( <i>MC</i> )	<b>Arroia</b>	<b>Colher</b> (subst.)
<b>Romandiñar</b> ( <i>MRN</i> e <i>FMP</i> ), <b>Romaudiñelar</b> ( <i>FMP</i> )	<b>Remedinhar</b> ( <i>FMA</i> ), <b>Romandinhar</b> ( <i>ON</i> ), <b>Remidinhar</b> ( <i>BG</i> ), <b>Rumandinhar</b> ( <i>JA</i> )	<b>Casar</b>
<b>Rumí</b> ( <i>MRN</i> e <i>FMP</i> , “casada”), <b>Cachí/Romí</b> ( <i>FMP</i> ), <b>Romi</b> ( <i>MC</i> )	<b>Romin</b> ( <i>P</i> ), <b>Runhim</b> ( <i>FMA</i> ), <b>Romni</b> ( <i>ON</i> ), <b>Romi</b> ( <i>BG</i> )	<b>Mulher</b>
<b>Sampuñí</b> ( <i>MRN</i> )	<b>Sapune</b>	<b>Sabão</b>
<b>Sobelar</b> ( <i>MRN</i> e <i>FMP</i> ), <b>Sobar/Sornar</b> ( <i>FMP</i> )	<b>Asobar</b> ( <i>P</i> ), <b>Subar</b> ( <i>FMA</i> ), <b>Sornar</b> ( <i>JA</i> ), <b>Sorava/Sornar</b> ( <i>ON</i> ), <b>Sovar</b> ( <i>BG</i> )	<b>Dormir</b>

<sup>1</sup> O verbo “focar”, no *Manual de Conversación*, é *Bashavav*.

<sup>2</sup> Do termo *caló*, *sueste*, pode ter derivado o termo *calon*, *sueti*, cujo significado é “gente”.

<sup>3</sup> Explicou-me Bruno Gonçalves que: “no passado, Espanha, as moedas do dinheiro eram moedas brancas. Daí, os ciganos começaram a chamar *parnon* (vocábulo que designa a cor branca) o dinheiro”.

<sup>4</sup> significa “autoridade”

<sup>5</sup> Há grande possibilidade de que a modificação mórfica deste vocábulo tenha ocorrido para opô-lo ao vocábulo *calon* para mulher (“ruin”).

Na primeira coluna: Os vocábulos em negrito pertencem ao *caló* primitivo. Os outros termos de cada conceito são parte da jerga, também denominada *jerigonza*, que, “(...) segundo a Academia espanhola, [é] « uma linguagem de mal gosto, complicada e difícil de se entender, usada pelos gitanos (...) composta de vocábulos do idioma castelhano com significação distinta da genuína e verdadeira, e de muitos outros vocábulos de formação engenhosa ou de origem desconhecida ou duvidosa” (apud *PABANÓ* 1915: 184)

As abreviaturas entre parênteses, diante de cada vocábulo, faz menção às iniciais do autor/pesquisador que as recolheu:

*MRN* – Miguel Ropero Nuñez

*FMP* – F. M. Pabanó

*ON* – Olimpio Nunes

*P* – Paula

*BG* – Bruno Gonçalves

*FMA* – Francisco Manuel Alves

*JA* – José Luis Pinha Alvarez

*AC* – Andre Correa

*MC* – Manual de Conversación

## VIII. APÊNDICE I

Em cumprimento a uma das tarefas que a Ecolingüística entende como prioritária, a “documentação e revitalização de línguas minoritárias e em perigo de extinção”, resolvi confeccionar a presente Lista Temática com o intuito de, primeiramente, servir de registro de uma língua cuja antiguidade e riqueza cultural foram atestadas pelos capítulos da tese e, em segundo lugar, permitir às gerações de jovens ciganos terem acesso pelo menos ao vocabulário de sua língua original quando na falta de anciãos para transmitirem-na.

Por tratar-se de uma língua ágrafa, a providência inicial foi a transcrição fonêmica do *calon* para o alfabeto fonético internacional (IPA) e, posteriormente, para o sistema ortográfico da língua portuguesa. Dado que o sistema fonológico do *calon* perdeu os sons originais e encontra-se, atualmente, já assimilado ao do português (à exceção de dois fonemas nativos que identifiquei durante o mestrado – Melo 2005), o emprego do alfabeto latino mostrou-se suficiente para a grafia da realidade oral do dialeto *calon*.

Explica-nos a lexicógrafa Orlene Carvalho que “a classificação dos tipos de dicionários (...) baseia-se em um número grande e variado de critérios, que não atuam isoladamente, mas sim se entrecruzam, podendo ser combinados entre si” (2001: 47).

Um dicionário é classificado pelo critério do número de línguas como bilíngüe cuja característica principal é pôr em correspondência os vocábulos de uma língua com os equivalentes de outra língua, distinguindo-se assim dos dicionários monolíngües nos quais encontramos definições do lema.

Desta diferença decorrem inúmeras outras que determinam tanto o que vai constar da estrutura do verbete quanto a sua organização [ou macroestrutura]. No dicionário bilíngüe, por exemplo, não há espaço para as relações paradigmáticas, como a antonímia e a sinonímia, nem para comentários etimológicos (CARVALHO 2001:49).

De acordo com Carvalho (2001), a *macroestrutura* do dicionário bilíngüe pode ser alfabética ou sistemática. Tendo proposto um modelo para o léxico *calon* (Anexo I) segundo a perspectiva *onomasiológica*<sup>1</sup> e a Teoria dos Campos Semânticos, a disposição das palavras na Lista Temática obedeceu a uma orientação semântico-funcional (as palavras foram agrupadas segundo o campo conceitual e a

---

1. O campo onomasiológico associa as diferentes designações de uma noção. Na estrutura onomasiológica, haverá palavra(s) que ocupará(ão) a posição central na circunferência e outras, uma localização marginal, sendo previstas deslocações diacrônicas. Como afirma Baldinger: “[A onomasiologia, que parte de um conceito ou de um sistema conceptual para atingir diferentes monemas (Formas Mínimas)], nos faz ver a estrutura lexical de uma só e mesma língua (...), [o que] possibilita a comparação entre diferentes línguas numa base estrutural” (1963:33-4).

função que desempenham no sistema da língua cigana) e não por ordem alfabética. Esta opção alinha-se inclusive aos esforços sistemáticos, desde os anos 20, contra o dicionário alfabético que, segundo Baldinger (1963), é acusado de decompor o sistema orgânico do vocabulário.

### **Apresentação dos dados lingüísticos**

Esta Lista reúne 535 vocábulos, entre os quais se encontram palavras originais do caló, expressões combinadas com morfemas assimilados da língua majoritária (circunlóquios, lexicalizações...), termos de origem portuguesa foneticamente alterados a ponto de dissimular a palavra que lhes serviu de base, enfim, o que nos foi consentido registrar visto que o repertório lexical *calon* aqui apresentado deve ser tomado apenas como uma amostra conforme declarou certa vez o chefe Dálcio.

Mas a lista poderia ser ampliada se levarmos em conta as potenciais estruturas lexicais surgidas da combinação entre si de boa parte dos vocábulos aqui apresentados (v.g., *guelo muchudá [com] tuncha*, *ariquerdá [com] tuncha*, *jalá [no] dotáque*, *guela diquinhá [quantos] biditu siala*, *siala querdando [uma] créque* etc.) ou do hibridismo entre vocábulos *calon* e morfemas portugueses (*chuniada*, *biditinha [de] chaborrin*, *ispira otem*, *[na] pain*, *[no] muis* e outras). Isto porque, no atual estágio do *calon*, a recorrência ao processo de composição morfológica é alta. Uma idéia pode ser enunciada de diferentes formas como, por exemplo, o ato de escrever tanto pode ser *querdá com vais*, no sentido de algo “feito com as mãos”, quanto *querdá no papiri*, ou seja, o que está “feito no papel”; ou o termo para designar “ferramenta” que pode ser enunciado como *biditi de querdá* (“coisa para fazer algo”) e também *biditi de trabsimardar*, “coisa de trabalho”.

Este fato lingüístico recordou-me a fala de um ativista cigano e professor de *romani* dirigida à autora do livro *Enterrem-me em pé: a longa viagem dos ciganos*, Isabel Fonseca:

Você nunca vai aprender nossa língua (...) Para cada palavra que anota em seu caderninho, nós temos outra, um sinônimo, que usamos e que você jamais saberá. Pode aprender essas também, mas não vai aprender como são usadas, ou as nuances que podem ter. Nós *não queremos* que você saiba. Você devia ter nascido uma *chey romani* (garota cigana). (*apud* FONSECA 1996:26)

Pelo critério da *direção*, a posição ocupada pela língua materna do usuário<sup>2</sup> na Lista será a do *lema* em dicionários, sendo, pois, a língua-fonte deste esboço lexicográfico. A escolha não poderia ser outra visto que este trabalho destina-se aos *Calon* e não aos *gadje* que, no entanto, se beneficiarão com o registro de uma língua cigana nativa do Brasil.

2. Hoje não há *Calon* – ao menos na comunidade cigana de Mambai – que não seja “bilingüe” (fale o *calon* e o português). Dona Teresa, anciã do grupo que tem ensinado a língua para boa parte das crianças, contou-me que o aprendizado começa nos primeiros anos de vida em conversas mantidas pela mãe com o filho. Portanto, não tenho dúvidas de que o *calon* é a língua materna dos ciganos chefiados pelo sr. Dálcio.

Os termos *calon* estão em negrito. Lancei mão dos colchetes para destacar os morfemas que pertencem ao sistema da língua portuguesa e foram assimilados pelos Calon devido à perda desses elementos em sua língua original. Vocábulos de pronúncia idêntica, mas semanticamente diferentes, são citados independentemente e têm as entradas com numeração sobrescrita (e.g., **Cucale**<sup>1</sup>, “osso”, e **Cucale**<sup>2</sup>, “copo, caneca”). Constituem uma só entrada lexemas distintos de mesmo significado; nestes casos, vêm um seguido do outro separados apenas por barra (Ex.: **Créque/ Guarina** – calça). Em certos casos, a barra separará também formas alternantes (v.g., **suête** e **sêti**, “gente”). Em algumas ocasiões, pode aparecer um parêntese em torno de uma palavra inteira ou de parte de palavra, o que deve ser entendido como facultativa aquela palavra ou sílaba ((**siala [com]**) **canja**, “raiva, ódio”; (**ca**) **chucon**, “magro”). Após a entrada, vem o equivalente em língua portuguesa. Em caso de mais de uma acepção, estas serão separadas por ponto-e-vírgula do sentido mais geral para o mais específico. Nas palavras compostas e expressões, à medida que seus constituintes sejam empregados também separadamente, constará entre parênteses uma decomposição explicitando o significado de cada constituinte (e.g., **Mencha siala laje** (**Mencha**, “eu” + **siala**, “ter” + **laje**, “vergonha”), que é a expressão em *calon* para **honra**).

De princípio, eu havia pensado em indicar a categoria gramatical. No decorrer da coleta de dados, descobri com meus informantes que, em sua maioria, as palavras *calon* tornaram-se multifuncionais, ou seja, um único lexema pode desempenhar funções nominais, adjetivas, locativas, na frase à medida que a necessidade de usá-lo encontra-se com a inexistência de um vocábulo específico. Em virtude disso, descartei esta informação da entrada lexical.

## LISTA TEMÁTICA CALON – PORTUGUÊS

### UNIVERSO ESPIRITUAL

**Canja**<sup>1</sup> – prece  
**Biditi [do] duver** – igreja  
**Dinilon** – espírito  
**Jalasituque** – Foi embora! Vamos embora!  
**Buchin**<sup>1</sup> – “trabalho feito”  
**Mulon**<sup>1</sup> – morto  
**Ubengue** – diabo  
**Querdá [o] chaborron** – batizar  
**Querdá [um] duver** – fazer uma oração  
**Quere [do] duver** – casa de oração  
**Dinhadrabe** – ver a sorte; benzer  
**[do] duvêle** – anjo; pessoa de Deus; pessoa de bem  
**Duvê/Duvêle** – deus  
**Niscudá** – destino

### EMOÇÕES/SENTIMENTOS

**(Siala [com])Canja**<sup>2</sup> – ódio; raiva  
**Laje** – vergonha  
**Dinilin/Dinilon puroi/[pela] ruin/[pelo] rom**  
– paixão ♦ sentido figurado “estar louco pela pessoa”  
**Selaje** – sem-vergonhice  
**Janinhar [quem] querdô** – culpa  
**Ach ardor lachon** – alegria  
**Siala churron (dibutê)**<sup>1</sup> (Siala, “estar” + churron, “mal” + dibutê, “bastante”) – tristeza  
**Mistoe** – carinho; amor; bem  
**Camêla** – desejo  
**Dililon** – desespero

### PLANTAS

**Paquin** – banana  
**Guin** – cana-de-açúcar  
**Mandenga** – mandioca  
**Cucale**<sup>1</sup> – coco  
**A(n)jerca** – laranja; limão  
**Chudrin** – melancia  
**Abrêba** – abóbora; morango  
**Grâne** – milho  
**Chari** – capim; pasto; grama  
**Cais/Casti** – árvore; folha; lenha  
**Biditi [de] cais** – casca; raiz; semente  
**Rudúti** – roça; pasto  
**Piêti [do] burri** – erva medicinal  
**Biditu [do] burri**<sup>1</sup> – bicho do mato

### ANIMAIS

**Biditu [do] burri**<sup>2</sup> – bicho do mato  
**Manuis** – animal em geral; cavalo  
**Machon** – peixe  
**Culebra** – cobra  
**Grarnin** – égua  
**Garnin** – galinha  
**Gruvion** – boi  
**Gruviin** – vaca  
**Balichôn** – porco  
**Balirnon** – galo  
**Barcon** – carneiro; cabrito  
**Dãnimon** – cachorro  
**Dãnimin** – cadela  
**Grogoro** – peru  
**Juron** – jumento  
**Jurin** – mula

### QUANTITATIVOS

**Bute** – muitos; bastante  
**Êqui** – um  
**Duins** – dois  
**Trins** – três  
**Istare** – quatro  
**[um] vais** – cinco  
**[um] vais [e] êqui** – seis  
**[um] vais [e] duins** – sete  
**[um] vais [e] trins** – oito  
**[um] vais [e] istare** – nove  
**Duins vais** – dez  
**Duinvais [e] êqui** – onze  
**Trinvais** – quinze  
**Cuturron** – menos alguma coisa

### TEMPO

**Jivéis** – ano; semana; dia  
**Jurar [do] duvêle** – domingo  
**[até] otém** – até lá  
**Aguran** – antes; agora  
**Butelêgue** – depois  
**Ditrasalíta** – amanhã; de dia  
**Trasalíta** – no correr do dia  
**Dirachin** – noite; à noite  
**Dibutê** – depressa  
**Cuturron** – devagar (ou seja, “menos veloz”)  
**Prastanhano** – depressa; correndo  
**[de] jiveis** – de manhã; à tarde  
**Uran** – hora

## ESPAÇO

**Bute dure** – longe

[a] **durengue** – esquerda

**Otem** – lá

**Riban** (*Inriban*) – no alto; em cima

**Panrren** – dentro

**Acai** – aqui; aí

**Avrin** – fora

**Angrein** – adiante; em frente

**Apalén** – atrás

**Du arígue** – do lado

**Caron** – abaixo

**Ocoi** (*oquoi*) – ali

**Miangue** – meio

**Arígue** – lado

**Languelem** – lá fora

## ASPECTOS TOPOGRÁFICOS

**Drom** – estrada (**Drom baron**, “estrada, rodovia” e

**Drom chunurron**, “trilha, caminho”)

**Gau** – rua; cidade

**Gau baron** – cidade grande

**Quere** – casa; certas partes da casa (p.ex.,  
parede)

**Avecheme** (*ave*, “outra” + **cheme**, “terra”) –  
fronteira; terra de outro(s)

**Driau** – rio; córrego

**Parradipén** – buraco; cavar um buraco ♦ sentido  
figurado “furar alguém”

**Miangue [do] gau** – praça

## FENÔMENOS NATURAIS

**Brichindon** – chuva; inverno; frio

**Cámbri** – calor

**Dirachin** – anoitecer

**Muisdirachin** – boca da noite

**Dijiveis** – amanhecer

**Cámbri dijiveis** – sol

**(Bidita [do]) Cámbri dirachin** – lua

## VESTUÁRIO

**Créque/ Guarina** – calça

**Istade** – chapéu

**Istiracan chinurrim** – sapato; sandália; chinela

**Istiracan barin** – bota

**Urdipein** – vestuário, roupa; vestido; colete

**Urdipein/Pustan [de] calin** – saia cigana

**Bidita [do] pirran** – meia

**Gade** – camisa

**Guarina [de] ruin** – calcinha

## VALORES

**Mencha siala laje** (**Mencha**, “eu” + **siala**, “ter” +  
**laje**, “vergonha”) – honra

**Ungalachin** – correto

**Lachon** – bondade; virtude

**Siala laje** – sinceridade

**Laje** – respeito; honestidade; paciência; pureza;  
compreensão

## ALIMENTAÇÃO

**Lon** – sal

**Mormu** – café

**Chimbire** – bebida; vinho

**Churron** – amargo

**Candela** – azedo

**Quirais** – queijo

**Pain [de] biditi [de] pirin** – caldo

**Rabengue /raben** – comida; sopa

**Mais** – carne

**Morron\*** – pão; bolo

**Hanrron** – ovo

**Gulon** – açúcar

**Curupiche** – arroz; canja

**Cacharda** – assado

\* Foi coletada também a palavra *pune* para  
significar “pão”.

## PARTES DO CORPO

**Muis** – boca; rosto

**Naque** – nariz

**Cherois** – joelhos

**Cheron** – cabeça

**Chuchane** – peito

**Trupe** – corpo; ombro

**Vais** – mão; dedo

**Biditi [do] vais**<sup>1</sup> – unha

**Cucale**<sup>2</sup> – osso

**Chibe** – língua

**Áque** – olho

**Bale** – cabelo; bigode

**Dane** – dentes

**Práque** – orelha

**Pêrre /Pêri** – barriga

**Purrinhães** – tripa

**Biditi danrren** – intestino

**Penrran/Pinron** – pé

**Biditi [de] bule** – rabo

**Creton** – pescoço

**Pelesco** – pele

## PARENTESCO

**Chaborrin** – menina  
**Chaborron** – menino  
**[a] ruin [do] baron chavon** – nora  
**Bati** – pai  
**Dai** – mãe  
**Prale** – irmão (**Prale ruin**, “irmã” ou **Prale rom**, “irmão”)  
**Chavin** – filha  
**Chavon** – filho; afilhado  
**[o] chavon [da minha] chaborrin** – neto  
**[o] chavon [do meu] chaborron** – neto  
**[o] chavon [da minha] ruin** – neto  
**Butê puron** – avô; avó  
**Crivin** – comadre  
**Crivon** – compadre  
**[a] ruin [que] ludela custe meche** – vizinha  
**[o] rom [que] ludela custe meche** – vizinho  
**[o] rom [de] mencha** – esposo cigano  
**Sêti tarin** – qualquer pessoa da família  
**[o] ripa [da minha] ruin** – cunhado  
**[a] ripa [da minha] ruin** – cunhada  
**Ripa** – irmão (**Ripa ruin**, “irmã” ou **Ripa rom**, “irmão”)

## DOENÇAS

**[estar] mirinhanu** – enjôo  
**Siala [com a] bidita churrin** – dores

## MEIOS DE TRANSPORTE

**Beron baron** – carreta  
**Beron** – transporte; caminhão  
**Prastingador** – qualquer espécie de carro, caminhão  
**Prastanhador** – caminhão; carroça  
**Prastingador [de] gruvion** – carro de boi  
**Biditu [do ar]** – avião

## INSTRUMENTOS GRAMATICAIS

**Pra tuncha** – para que  
**Tuncha** – você; contigo; tua; ele(s); o que  
**Tarin** – tua  
**Chichin** – nada  
**[a] ruin** – esta  
**[o] rom** – este  
**[da] ruin** – dela  
**[do] rom** – deles  
**Boarachin/Dirachin** – Boa Noite!  
**Dijiveis/Trasalita** – Bom Dia!

**Dijiveis** – Boa Tarde!  
**Jalosituque/Jalosipesque**<sup>1</sup> – Adeus! Tchau!  
**Guêlosituque** – Até logo!  
**[Como] tuncha siala** – Como vai?  
**Saron lachon** – Tudo bem!  
**Saron** – tudo  
**[do] gajon** – de quem  
**Nunsiale** – sobre  
**Odova chaborron** – esses meninos  
**Odova** – aquela(s); aquele(s); este; esta; isto; esse; essa; qual  
**Otem** – aquele; assim  
**Oi** – ele; ela, você  
**Siala berdano** – contra  
**Tsaron** – todo(s)  
**Unga [de] nosca** (**Unga**, “ser” + **nosca**, “nosso”) – nós  
**Nosca** – nosso  
**Naca** – não  
**Menga** – eu; teu; quem  
**[para] mencha** – para mim  
**Dure** – aonde  
**Maron** – meu  
**Mencha** – comigo  
**Adiale** – assim  
**Ave** – outro

## OBJETOS NATURAIS/ARTEFATOS

**Bárre/Barrin** – pedra  
**Pusque** – espingarda  
**Charon** – prato  
**Biditi [de] bachadá** – aparelho de som  
**Bacharador/Biditi [de] guiardar** – violão  
**Biditi [de] áque/ Biditi [de] muis** – óculos  
**Biditi [do] beron** – sino  
**Biditi [de] práque** – brincos  
**Biditi [de] caradá pirin** – carvão  
**Biditi [do] pêrre** – cinto  
**Bidita [de] chidá radeins** – carteira  
**Bidita [de] chidá [no] agui** – chaleira  
**Biditi [de] pinhar mormu** – bandeja  
**Biditi[-nha] [de] chaborrin** – boneca  
**Forron** – facão  
**Churin** – faca  
**Arroia** – colher  
**Canglon /Clangron** – pente  
**Liri/Papiri** – livro; carta; jornal; papel; retrato; foto  
**Pirin** – panela  
**Poiti** – corda

**Pustan** – tecido; lenço; pano  
**Pustan [do] puis** – pano de chão  
**Pustan [do] vais** – luva  
**Sapune** – sabão; sabonete  
**Sunacai** – ouro  
**Radeins** – dinheiro  
**Biditi [de] chudar pustan** – escova  
**Bidita [de] querdá [no] dane** – escova de dente  
**Chardin** – coberta; cobertor  
**Anguston/Auguston** – anel  
**Biditi [do] agui** – brasa; vela  
**Bidita dispundinar vudare** – chave  
**Biditi [de] isturdá pain/Buchin [de] chidá pain** – balde  
**Puron** – pote  
**Istaribén [de] raiá** – mesa  
**Biditi [de] vais<sup>2</sup>** – relógio  
**Perran [do] prastanhador** – roda  
**Biditu [de] chudá [o] quêre** – rôdo  
**Biditi [de] querdá quêre/[o] puis** – vassoura  
**Istaribén** – cama  
**Cucale<sup>3</sup>** – copo; caneca; lata  
**Misaia** – toalha  
**Suverare /suverais** – agulhas  
**Suvelá** – linha  
**Tornin** – bacia  
**Buchin [de] quêre** – armário  
**(Biditi) [de] abistinhar** – cadeira; banco; poltrona; sofá  
**Biditi [de] querdá/ [de] trabsimardar** – ferramenta  
**Budare/Vudare** – porta; janela  
**Agui<sup>1</sup>** – lamparina

#### ATRIBUTIVOS

**Mirela [de] traís** – medroso(a)  
**Cardon** – preto; negro  
**Parnon** – branco  
**Uratsi<sup>1</sup>** – vermelho  
**Quinon** – cansado  
**Quinin** – cansada  
**Lachin** – boa  
**Lachon** – tranqüilo; calmo; bom; educado  
**Mijegue** – bruto  
**Nachalon<sup>1</sup>/ Siala churron dibutê<sup>2</sup>** – doente  
**Pinhete** – curado(a)  
**Pilon<sup>1</sup>** – bêbado  
**Siala [de] pêri** – grávida  
**Tajudon** – deitado  
**Chadiqu andrius** – acordado  
**Mirinhô** – afogado; envenenado(a)

**Chileirrin /chinurrrin** – pequena  
**Chinurron** – pequeno; baixo; estreito  
**Chulon** – gordo  
**(Ca)chucon<sup>1</sup>** – magro  
**Juralon** – duro(a); cru(a)  
**Guin<sup>1</sup>** – doce  
**Muquinhô** – abandonado  
**Nangon** – pelado  
**Pandinon** – fechado; amarrada; presa  
**Dispandinon** – aberto  
**Paguerdô** – machucado(a)  
**Sialachon<sup>1</sup>** – alegre  
**Num janelu<sup>1</sup>** – desconhecido  
**Nunga dacai** (Nunga, “não é” + dacai, “daqui”) – estranho  
**Chinon** – cortada  
**Chirurron** – novo  
**Jungalin** – feia  
**Jungalon** – feio  
**Baron** – grande; comprido; largo; adulto  
**Garadon** – escondido  
**Perdon** – cheio  
**Siala churron** – errado  
**Churron** – amargo; mal  
**Isturda<sup>1</sup>** – apertado  
**Nundelanaca** – apertada  
**Miscudá<sup>1</sup>** – aceso  
**Dinilon** – mudo; tonto; bobo  
**Chore** – ladrão  
**Dililon** – louco  
**Dililin** – louca  
**Duis** – companheiro  
**Rom mirinhô** – viúva  
**Chunñada** – calada  
**Chunñô** – calado  
**Jalo tuncha** – culpado  
**Jalo [ela]** – culpada  
**Babanin** – bonita  
**Babanon** – bonito  
**Bute tarnifudo** – valente; bravo  
**Cambri/Tatin** – quente  
**Trachanon** – covarde  
**Jandon<sup>1</sup>** – sabido  
**Unga dibutê** – esquisito  
**Aturenga** – à toa

#### NOMINATIVOS

**Suête/Sêti** – gente  
**Rêri** – pessoa  
**Rom** – homem  
**Ruin** – mulher  
**Chuninhô** – educação

**Ariquerdô** – conversa  
**Barondesqui** – chefe  
**Agui**<sup>2</sup> – fogo; luz  
**Bidita [do] muis** – barba  
**Bajin/Buchin**<sup>2</sup> – coisa  
**Trabsimardá** – trabalho; ocupação  
**[de] mirinhá** – caixão de defunto  
**Biditi [do] duver** – estrela; céu; nuvem  
**Querdá [o] bale** – trança  
**Querdadeira [de] buchín** – feiticeira  
**Lubiin** – prostituta  
**Mardô** – espanto  
**Mulon**<sup>2</sup> – cadáver  
**Nachalon**<sup>2</sup> – doente  
**Nachadô** – engano  
**Pilon**<sup>2</sup> – bêbado  
**Num janelu**<sup>2</sup> – desconhecido  
**Oitiri** – coito  
**Pelesque** – couro  
**Siala aruvinhano** – choro  
**Unga [de] saron** – pergunta  
**Rimidinhar** – casamento  
**Rom manin** – esmola  
**Unga dibutê** – impossível  
**Unga** – ser (*verbo*)  
**Butisila** – força  
**Êqui** – alguém  
**Jundinaru**<sup>1</sup> – guarda  
**Arachare** – padre  
**Ânu** – nome  
**Buchinbarin** – aniversário  
**Biditi [do] agui** – cinza  
**Biditi [de] chudá muis** – pasta de dente  
**[do] duvêle** – assunto  
**Duvir** – jura  
**Fiscau** – cigarro; cachimbo  
**Gajin** – mocinha não-cigana  
**Gajon** – menino não-cigano  
**Guin**<sup>2</sup> – doce  
**Isturdá**<sup>2</sup> – abraço; beijo  
**Istudinhada** – criado  
**Calon** – cigano  
**Calin** – cigana  
**Currin** – cega  
**Curron** – cego  
**Mistore**<sup>1</sup> – bem  
**Mulardon** – traidor  
**Nastralon** – cura  
**Pain tatin** – água quente  
**Sialachon**<sup>2</sup> – alegria  
**Truvanin** – barro  
**Tarsadá** – briga

**Tasadipein** – guerra  
**[a] ruin [que] camela mistoe** – amiga  
**Unga rom [que] camela mistoe** – amigo  
**Uratsi**<sup>2</sup> – sangue  
**Rabique** – mentira  
**Prastâin** – polícia  
**Trais** – medo  
**Dotáque** – doutor  
**Istaripén** – cadeia; prisão  
**Manuis** – homem  
**Pain** – água  
**Puis** – terra; areia; piso  
**Guelo muchudá [com] tuncha** – conquista  
**Parradipén** – buraco  
**Nasalipén** – doença  
**Acai siala baron** – espaço  
**Cachucon**<sup>2</sup> – esqueleto  
**Isturdá [o] beron** – estação  
**Unga acai/ Unga otém** – local  
**Bidita [de] chidá pustan** – loja  
**Bravalon** – luxo  
**Biditu [do] Duvê baron** – planeta  
**Chinurripén** – pobreza  
**Biditu** – todo referente para o qual inexistiu ou se perdeu o termo na língua *calon*. Ex.: biditu [do] Duvê baron, “quadro de santo”  
**Bidita [de] quêre** – sala  
**Suvinhá** – sonhos  
**Biditu [de] suvinhá** – quarto  
**Rudúti [do] quêre** – quintal  
**Midinhardô trais** – susto  
**Bidita [de] riban [do] quêre** – telhado  
**Bale [de] manuis** – crina  
**Bina** – defeito, falha  
**Biditi [de] chidá buchín** – dispensa  
**Miardô [o] puis** – lama  
**Bachadá** – luta  
**Guiardá** – música  
**Jandon**<sup>2</sup> – sabedoria  
**Lachon** – virtude

#### VERBOS

**Guelo/Jalo** – passar; ir  
**Jala panrren (Jalo, “passar” + Panrren, “dentro”)**  
 – entrar  
**Pinhar** – beber  
**[estar] mirinhano** – desmaiar  
**Tasardá/[estar] sadano** – discutir  
**Chinar** – picar; cortar  
**Chudar** – banhar; lavar; molhar  
**Avinhar** – chegar; encontrar  
**Ariqueldar** – falar

**Aruvinhar** – chorar; entristecer  
**Aístirdar** – poder  
**Diquinhar** – ouvir; ver; olhar; corrigir  
**Dinhar** – bater; dar; martelar  
**Dandinhar** – morder  
**Pandinhar** – fechar  
**Dispandinhar/ Miscudar<sup>2</sup>** – abrir  
**Garadar** – esconder  
**Alaquinhar** – achar  
**Guinar** – contar  
**Guiardar** – cantar; tocar instrumentos musicais  
**Hujardar/ispira otem** – esperar  
**Cámbri/Cabardor** – secar  
**Caradar** – cozinhar  
**Capsador** – derreter  
**Querdar** – rezar; fazer  
**Querdá [com] vais/Querdá [no] papiri**  
 – escrever  
**Querdá [no] liri** – ler  
**Querdá [uma] buchin churrin** – fazer o mal para alguém  
**Querdá [uma] buchin lachin** – fazer algo de bom para alguém  
**Quinar** – comprar; (des)cansar  
**Maladar/ Bucanhar** – roubar  
**Mardar** – matar  
**Mardar biditi [do] burri** – caçar  
**Mirinhano** – encher  
**Muchudar** – dizer; avisar; lamentar  
**Mudrinhar** – urinar  
**Niscudar** – sair; arrumar  
**[na] pain** – nadar  
**Pirinhar** – caminhar; andar; cair  
**Pirinhardô** – pular  
**Purin** – envelhecer  
**Querdá [a] buchin** – consertar  
**Setilachon** – acreditar  
**Sidar [no] puis** – enterrar  
**Raiar** – comer; mastigar; tapar  
**Mirinhar** – morrer; afogar-se  
**Chuninhar** – calar  
**Chadipinzan** – acordar  
**Suvinhá** – dormir, adormecer;  
**Chero [no] puis** – ajoelhar  
**Chirurrin** – aquecer  
**Chidelo pustan** – cobrir  
**Jalasingue** – arrumar  
**Jundinaru<sup>2</sup>** – abaixar  
**Janinhar** – saber  
**Acardar** – chamar  
**Aludinhar** – acampar  
**(A)bistinhar** – sentar  
**Dipinzan** – ficar de pé  
**Divinhar** – vir  
**Duve churron** – destruir; acabar  
**Fiscalar** – fumar  
**Isturêla/Isturdar<sup>3</sup>** – abanar; cheirar; encontrar; escolher; engolir; aceitar; pegar  
**Cuduvêr** – ajudar  
**Cachardar** – queimar  
**Chidá [no] agui** – torrar  
**Quilindar** – dançar; passar; brincar  
**Mistore<sup>2</sup>** – gostar; acariciar  
**Muquinhar** – abandonar; deixar  
**[estar] nasalon/ nasalipô** – adoecer  
**[no] muis** – beijar  
**Prastrinhar** – curar  
**Paguerdar** – quebrar  
**Prastanhar** – correr  
**Tajudar** – deitar  
**Rimidinhar** – casar  
**Tarsadar** – brigar **Tasadá [com] suête** – repreender  
**Camelar** – querer  
**Chidar** – colocar; jogar  
**Agui<sup>3</sup>** – acender  
**Jala [mais] tuncha** – acompanhar  
**Ariquerdá [com] tuncha** – aconselhar  
**Pirinhar [no] manuis** – andar a cavalo  
**Buchardar** – atirar  
**Jalá [no] dotáque** – consultar  
**Guela diquinhá [quantos] biditu siala** – contar (quantidade)  
**Siala querdando [uma] créque/[um] gade**  
 – costurar  
**Siala baron** – crescer  
**Muchudá [com] avê** – cumprimentar  
**Chidá [no] puis** – derrubar  
**Achinhar** – ficar **Achiná jandon** – ensinar  
**Querdá [no] prastingador** – dirigir  
**Miardar** – sujar  
**Rabicar** – mentir  
**Abistinhar [no] manuis** – montar  
**Jalodiquinhar abajin** – pensar  
**Moquêlo potrén** – perdoar  
**Istudá machon** – pescar  
**Parradá** – rasgar  
**[Não] muchôda adiale** (muchoda, “fala” + adiale, “assim”) – reclamar  
**Nicadá** – tirar  
**Jalosipesque<sup>2</sup>** – sumir  
**Bachadá** – tocar música  
**Chidêlo [o] vais [na] buchin** – pôr a mão; tocar  
**Brichindá** – trovejar; chover  
**Urdinhá** – vestir

## IX. APÊNDICE II

Antes da publicação do *Auto de huas Ciganas* na *Compilaçam* de 1562, o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516) integra já um texto em que não parece ser difícil entrever a alusão a uma cigana. Em as *Trovas que Afonso Valente fez em Tomar a Garcia de Resende, sem lhas mandar*<sup>1</sup> inclui uma referência à língua deste grupo. As comparações endereçadas a Garcia de Resende passam por diferentes fases, subordinadas a um “pareceis”, forma verbal que é sistematicamente retomada em várias estrofes<sup>2</sup>:

[1] *Pareceis-me lua cris,*

[2] *Pareceis deuinhaçam,  
pareceis ùa façanha,  
tapeceiro do soldam,  
quer gigante rebordam  
como castanha.*

[8] *Pareceis muy grande ro[1]  
de grifos muy esfaimados,  
albarda, molher de prol,  
muito chea de bordados;  
guia de dança d’espadas,  
gram malassada d’estopas,  
guia de dança de copas  
todas cheas, arrasadas.*

[10] *Pareceis u pouco o farto  
pregador da vida eterna,  
grega bebida de parto  
antre cubas em taverna.  
Bentas sejam de Balam  
as fadas que vos fadaram,  
as tetas que vos criaram,  
qu’assi vos empetrinaram  
para momo no serem.*

[11] *Onde todos bem veram  
vossa groria, vossa fama,  
e caber-vos-á por dama  
ua saca d’algodam  
e por tocha u gram tiçam.*

1. *Cancioneiro Geral*, ed. A. E Dias, 1993, pp. 879, 328-334. No volume dedicado à temática do *Cancioneiro Geral*, A. E Dias inclui nos Anexos a transcrição de um documento em que se alude a Afonso Valente como *carcereiro das cadeias de Lisboa*, datado em Évora, 20 de Setembro de 1524. Cf. vol. v, p. 438. Afonso Valente é, aliás, referido pelo próprio Gil Vicente no *Auto da Barca do Inferno*, tanto em 1517 como, com ligeiríssimas variantes, em 1562: *Nem guardião do mosteiro / nom tinha tam santa gente / como Afonso Valente / que é agora carcereiro* (vv. 776-780). Uma das estrofes [10] desta composição foi, em parte, posta em evidência por Adolfo Coelho (1892, p. 163). D. Lopes, no seu estudo dedicado aos textos em aljâmia, reproduz apenas a última estrofe de António [sic] Valente (1940, p. 8).

2. Tive já ocasião de me referir em pormenor a este texto em uma comunicação intitulada «Ciganos literários do século XVI», apresentada ao Colóquio Comemorativo dos 50 Anos do Leitorado de Português da Universidade de Zurique, realizado em 1996. Não tendo sido, infelizmente, publicado este trabalho, permito-me, por isso, transcrever as estrofes que me parecem melhor ilustrar esta alusão a uma cigana. Os versos em itálico são da minha responsabilidade. Retiro a transcrição da ed. de A. E Dias (iv, 1993).

Pareceys, segum m' esfuerça  
esta em que vos enforco,  
*farmengua que tanje em çorça,*  
*laude com pee de porco.*

[14] Pareceis-me segum maço  
nas esporas mui sofrido,  
pareceis mui gram inchaço  
que naceo a esse paço  
de sobraço  
de que anda mal sentido  
*Pareceis de Lombardia,*  
*posto que sejais de Grecia,*  
pareceys lioa neição  
criada na ucharia.

[17] *Pareceis moura alfenada*  
*qu'adeuinha pola mão,*  
pareceis bufa calada  
do leuante no Verão.  
Detras de Sam Nicolao  
em alto graao,  
*vos vy eu núa alta dança*  
*com essa pança mui atento*  
o som era de vento  
a mudança

[18] Vi-vos na feyra d'Enues  
a tanger muy grandes trombas  
e vi-uos ler d'u conves  
de cadeira a duas bombas.  
Gram Sam Joam barba d'ouro,  
barraxa, senhor da serra,  
pareceis filho de touro  
de faca d'Ingraterra.

[19] Nem soes carne nem soes pexe,  
menos proveyto nem dano  
senam mala ou almofreyxe  
de sobrano.  
Soes o numero de cento  
sem minguar u soo ceutil,  
*soes b grego tamboril*  
da crasta deste convento.

Mas é no *Cabo* que encontramos a menção linguística:

[20] Quanto mais contempro, cuido  
em vossa feiçam e talho,  
pareceis-me santo entruido  
de parto d' ú gram chocalho.  
*Pareceis por aravia*  
*grande covaão de vesugos*  
*e tambem por algemia*  
asaado de confraria  
posto em saia de verdugos.

O conteúdo destas *trovas* e a data da publicação (1516) não são surpreendentes, se pensarmos que a colectividade cigana já há algum tempo se encontrava na Península Ibérica. Em 1447, tinham entrado em Espanha por Barcelona<sup>3</sup>. As primeiras notícias pormenorizadas são as conhecidas referências nos *Hechos del Condestable Don Miguel Lucas de Iranzo*<sup>4</sup> com a descrição das visitas de dois condes ciganos à corte do Condestável, datadas de 1462 e 1470<sup>5</sup>.

---

3. Popp Serboianu, 1930; Leblon, 1985.

4. *Hechos del Condestable Don Miguel Lucas de Iranzo (Crónica del siglo xv)*, ed. J. Mata Carriazo, 1940.

5. A descrição relata a chegada à cidade de Jaén de dos condes de la pequena Egibto e el serior Condestable los reçibió muy onorablemente: «A veinte e dos dias del mes de noviembre deste afio, llegaron a la dicha çibdad de Jahén dos condes de la pequena Egibto, que se llamauan el vno don Tomás e el otro don Martín, con fasta çient personas de onbres e mugeres e nifios, sus naturales e vasallos. Los quales avían seydo conquistados e destruydos por el Grant Turco; e porque después de ser conquistados parece ser que negaron nuestra santa fé, avia buenos dias que, por mandado de nuestro muy Santo Padre, andauan por todos los reynos e prouinçias de la cristiandad faziendo penitencia.» (Pp. 97-98.) A segunda visita, alguns anos mais tarde, à cidade de Andújar é feita por un cavallero que se llamava elconde Jacobo de la Pequena Egipto: «Dende a quinze dias que vino a la dicha çibdad de Andújar, aportó por ella un cavallero que se llamava el conde Jacobo de la Pequena Egibto, con su muger, la condesa, que se llamava dona Loysa, e con fasta çinquenta personas, onbres e mugeres e nifios, que traya en su compañia. Los quales andauan así por el mundo, segúnd dician e mostrauan por çiertas letras, faziendo penitencia por mandado de nuestro muy Santo Padre, porque sus antecessores dis que avían falleçido en la creençia de nuestra santa fé por miedo e temor del Grand Turco, de quien avían seydo conquistados e sojzgados.» (Pp. 416-417.)

## X. APÊNDICE III

ESTÁGIO DE DOUTORANDO/ OUT 2007 A JAN 2008  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA/UNIVERSIDADE DE NOVA LISBOA



**Fábio José Dantas de Melo**  
**Prof.º Dr. John Holm**  
**(Co-orientador)**

**Na quarta-feira (17/10)**, tendo chegado em Lisboa nas primeiras horas da manhã, após as providências requeridas pela CAPES, dirigi-me à tarde para a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa – UNL para apresentar-me ao Prof.º José Pereira Bastos (foto abaixo), do Departamento de Antropologia e director do Centro de Estudos de Migração e Minorias Étnicas – CEMME, que reúne pesquisadores que trabalham com a temática “Cultura Cigana”. Neste primeiro encontro, fiz uma breve explanação de minha pesquisa e indaguei-lhe acerca da colaboração do Centro em meu trabalho de campo em Portugal. Tive do professor José Bastos a autorização para frequentar o CEMME não só para consulta ao acervo bibliográfico sobre *ciganos* mas também como base para “trabalho de gabinete”. O referido professor elencou-me os pesquisadores que poderiam ajudar-me por estarem em contacto com famílias ciganas (segue relação). Estava presente neste encontro a aluna Elsa, associada ao CEMME, que ficou de intermediar o contacto entre mim e o pesquisador André.

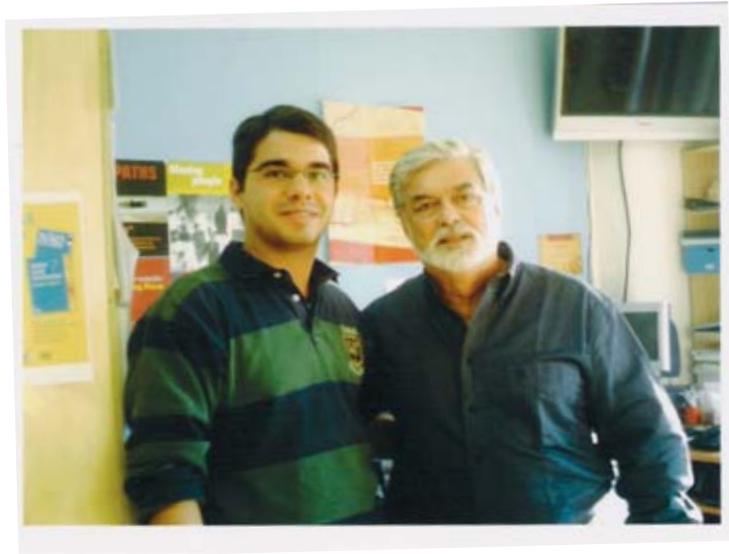
André Correia → trabalho desenvolvido em Sintra (família Cabeças) e no Alentejo(ciganos nómadas);

Lurdes Nicolau → trabalha com ciganos do distrito de Bragança, região de Trás-os-Montes;

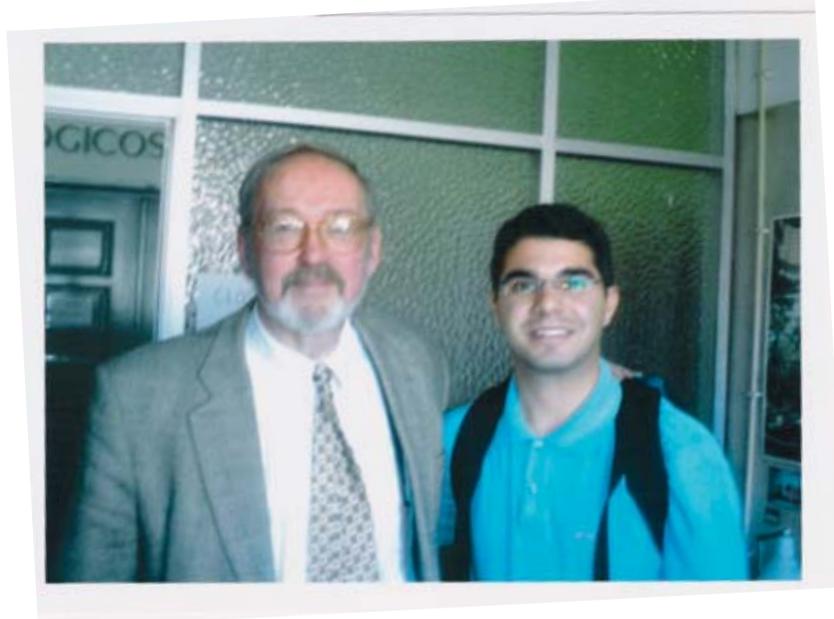
Mirna Montenegro → Responsável pela concepção e pelo desenvolvimento do Projecto Nómada que “(...)procura combater a intolerância, a xenofobia, o racismo, a exclusão escolar, cultural e social a que as comunidades ciganas têm vindo a ser votadas (do seu livro *Aprendendo com ciganos: processos de ecoformação*);

Maria José Casa Nova → pesquisa ciganológica na região do Minho e do Porto;

Donizete → que orientou trabalhos sobre movimento pentecostal cigano. Professor no distrito de Covilhã.



**Na quinta-feira (18/10):** Fui à Coimbra para me apresentar ao meu co-orientador, Prof.º John Holm (foto abaixo). Neste dia, definimos os encontros que teríamos ao longo dos quatro meses de Estágio, uma vez que optei por hospedar-me em Lisboa (de onde seria mais fácil deslocar-me para outras regiões de Portugal e onde se encontra boa parte dos Arquivos e Bibliotecas para a pesquisa bibliográfica a que me determinei fazer). O Prof.º John entregou-me uma cópia da chave de seu gabinete e falou-me sobre um orientando seu, o guineense Incanha, que teria comentado de um amigo cigano o qual poderia colaborar para minha pesquisa. Fiquei de voltar na semana seguinte para conhecê-lo.



**Na quarta-feira (24/10):** Compareci a *Biblioteca Nacional* para realização de *pesquisa bibliográfica*.  
Relação das obras pesquisadas:

1. *O Povo Cigano em Portugal: contributo para o seu conhecimento* de Elisa Maria Lopes da Costa;
2. *Entre os calé do Alentejo* de José Luís Pinha Alvarez;
3. *Cozinha cigana* de Fernanda Reis;
4. *Uma aventura entre ciganos* de Jacqueline Verly;
5. *Contos Populares Ciganos* de Diane Tong;
6. *Palavra e comunicação: a Arte escrita pela minoria cigana* de Fernanda Eugénia Nunes dos Reis.

Anexo a este relatório seguem os comprovantes de requisição de leitura, utilizados pela Biblioteca Nacional, para que o utente tenha acesso às obras. Encontra-se também o Cartão de Leitor obrigatório para consulta ao acervo.

**Na quinta-feira (25/10):** Compareci ao gabinete do Prof.º John Holm, na Universidade de Coimbra, para aula do Seminário de Linguística de Contacto (*vide* Ficha anexa de Inscrição na disciplina e Ementa do seminário). Nesta aula, o professor falou sobre mudanças fonológicas por que passam as línguas em contacto; sobre as seis origens possíveis dos *crioulos* (hipótese da língua de superestrato; da língua de substrato; da(s) língua(s) de adstrato; dos universais de aquisição de segunda língua por adultos; da transmissão irregular e da convergência). Em relação a traços fonológicos em contextos de contacto, explicou-nos sobre três fenómenos: *under differentiation*; *over differentiation* e substituição dos sons de uma língua pelos de outra. O encontro ocorreu das 11h às 13h.

**Na sexta-feira (26/10):** Na sala do CEMME, conheci a pesquisadora Lurdes Nicolau da Universidade de Vila Real, localizada no Concelho de Bragança. Ela é orientada pelo Prof.º José Bastos e trabalha com famílias ciganas na região do Minho e Trás-os-Montes. Numa breve entrevista com Lurdes, ela me fez uma caracterização dos ciganos de sua região (*vide* áudio parte 1), levantando questões interessantes sobre a peculiaridade do dialecto deles. Nesta ocasião, pedi-lhe ajuda quanto a informantes ciganos para a colecta de palavras. Embora reticente quanto a aceitação por parte dos ciganos de prestar-me este tipo de informação, ela ficou de consultá-los se estariam dispostos a colaborar comigo. Disse a ela que pagaria ao informante que me fornecesse palavras de sua língua (até o presente momento, levando em conta inclusive os ciganos brasileiros, não precisei lançar mão deste artifício; no entanto, Lurdes considerou esta uma boa alternativa). Solicitei-lhe também imagens da comunidade cigana em questão. A referida pesquisadora indicou-me alguma bibliografia sobre os ciganos da região de Bragança.



**Na segunda-feira (29/10):** Estive pela segunda vez na Biblioteca Nacional para consultar a indicação bibliográfica que me foi dada pela pesquisadora Lurdes Nicolau (*Ao lado*, Frontispício da obra). Neste livro, encontrei um breve vocabulário dos ciganos do Distrito de Bragança, região de Trás-os-Montes.

**Na quarta-feira (31/10):** Primeira colecta de dados linguísticos com uma informante cigana (Sr.<sup>a</sup> Paula) que me foi apresentada pela pesquisadora brasileira Kachia do CEMME (Abaixo, foto 1). A colecta transcorreu às portas da Igreja Evangélica *Deus é Amor*, localizada na Praça Restauradores, da qual a referida cigana (Abaixo, foto 2) é membro. Da lista constante em minha tese, Paula tinha conhecimento de alguns termos, e de outros que não compunham a citada lista (v.g., roubar, ladrão, pedir, batatas, azeite, azeitona, porco, droga, embriagado). Ela solicitou-me uma cópia da relação de palavras para ver com os mais velhos de sua família os termos que ela não soubera responder.



Foto 1



Foto 2

**No sábado (3/11):** Fui à Coimbra encontrar-me com o pesquisador Incanha (foto 1), orientando do Prof.<sup>o</sup> John Holm, que se dispôs a levar-me nas feiras a céu aberto de Coimbra, nas quais comumente há ciganos a comercializar. Já na primeira feira que chegamos, estava lá o cigano Bruno Gonçalves, fundador da Associação Social Recreativa e Cultural Cigana de Coimbra. Realizei uma colecta de palavras com Bruno dentro de uma cafetaria (foto 2), o qual me pediu descrição quanto a nossa conversa. Trocamos contactos e fiquei de visitá-lo oportunamente em sua cidade, Figueira da Foz, para um trabalho mais aprofundado (ele me disse que poderia conseguir algum material interessante para minha pesquisa).



Foto 1



Foto 2

**No domingo (4/11):** Após receber indicações, fui à Feira do Relógio a fim de travar contactos com ciganos que comercializassem por lá (foto abaixo). Acompanhou-me o casal de amigos portugueses, João Videira e Teresa, que se mostraram preocupados em que eu fosse sozinho. De fato, deparei-me com muitos comerciantes ciganos (basta observar-lhe as feições e o vestuário), sendo que apenas um dentre todos que abordamos prontificou-se a marcar um encontro para conversarmos. Trata-se do jovem cigano Joaquim que, ao tomar conhecimento de que eu pesquisava sua cultura, se mostrou bastante curioso em saber o que eu teria para lhe mostrar em termos de história do povo cigano. Isso é prova de que os mais velhos não se ocupam mais de contar ou perderam o conhecimento de sua história e costumes.



**De segunda a terça-feira (12 a 16/11):** Preparação de artigo sobre os Ciganos Calon e de sua língua, foco de minha pesquisa, a pedido do director do CEMME para uma publicação que ele está a preparar.

**Na quarta-feira (21/11):** Entreguei ao Prof.º José Pereira Bastos, na sala do CEMME, o artigo por ele solicitado para compor uma publicação que está a preparar. O artigo segue anexo a este relatório. Na oportunidade, doei ao Centro um exemplar de minha dissertação, também na área de Linguística Romani, convertida em livro.

**Na quinta-feira (22/11):** Entrevistei a produtora de três documentários sobre Ciganos (*24h e outra terra; Taraf: 3 cantos e uma balada; Audiência*: sobre a canonização de um cigano italiano), a italiana Lucianna Fina (foto abaixo), em seu estúdio situado na rua da Alegria, n.º 61, 2º andar. A entrevista explorou questões relativas a distribuição dos ciganos no país, a sobrevivência do nomadismo, ofícios e modo de vida tradicionais e as mudanças que a sociedade actual tem-lhes imposto, o falar alentejano e a “farsa” de uma língua própria dos ciganos. As opiniões da referida produtora, formada em Letras, foram para mim de grande valia e contribuirão para o debate que espero que minha tese suscite. Em meu regresso ao Brasil, irei propor ao Decanato de Extensão da Universidade de Brasília – UnB a realização de uma Semana de Filmes sobre Ciganos, para a qual Lucianna Fina já se prontificou em participar.



Ao longo de minha estadia, em deslocamentos pela cidade de Lisboa, atentei para detectar a presença cigana no seu quotidiano. Certa vez, próxima a bem visitada Casa de *Pastéis de Belém*, presenciei um grupo de senhoras ciganas oferecendo-se para “ler a sorte” dos que passavam por ali (foto abaixo).



**Na quinta-feira (29/11):** Fui à Coimbra para mais um seminário e orientação com meu co-orientador. Neste encontro, o Prof.º John abordou pontos de sintaxe, tais como *verb phrase/verbal markers*; *forms of “be”*; *serial verbs* e *noun phrase* (Cf. Holm 2000: 205-220). Dias antes deste encontro, o professor John havia me solicitado por telefone um relatório parcial de minhas atividades. Entreguei-lhe o relatório requerido, o artigo que escrevi para o CEMME e um exemplar de minha dissertação convertida em livro (foto 1). Fiz cópia de capítulos da obra de Weinreich, teórico na área da Linguística de Contacto, que o professor John julgou interessante para minha pesquisa. Neste mesmo dia, por volta das 17h 30, na Sala do Senado na Reitoria da Universidade de Coimbra, ocorreu solenidade de recepção aos pesquisadores brasileiros com a presença da vice-reitora Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Maria da Silva Robalo Cordeiro (foto 2).

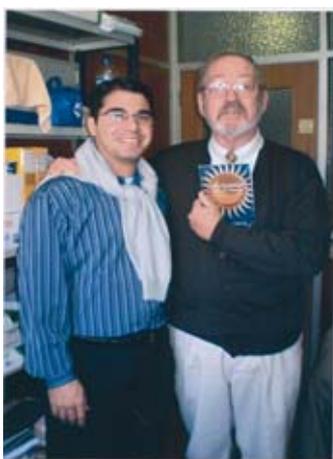


Foto 1



Foto 2

O mês de dezembro foi dedicado a viajar para regiões mais afastadas de Lisboa (Minho, Trás-os-Montes, Alentejo) a fim de encontrar nestes sítios ciganos.





